

Anexo 4 – Doc. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13, relativos às reflexões semanais realizadas no decorrer do período de estágio (CD-ROM)

Documento nº 1

A primeira semana de estágio decorreu na Escola Básica do 1º Ciclo da Quinta da Veiga, numa turma do 3º ano. Esta é composta por 25 alunos, dos quais 15 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. No geral, e pelo que já me foi possível observar, são alunos muito participativos e inteligentes, pois respondem sempre às questões da professora, sendo possível desencadear diálogos curiosos pelas questões que todos eles vão colocando, sempre com a expectativa de aprenderem mais.

Estes são ainda bem comportados, pois colocam sempre os dedos no ar para falarem, e quando isso não acontece a professora chama a atenção para a impossibilidade de ouvir duas pessoas ao mesmo tempo, para além de atentos e esforçados, ou seja, querem sempre compreender os conteúdos programáticos e quando isso não acontece, pedem ajuda à professora, não desistindo facilmente de um desafio. Contudo, muito do comportamento, da curiosidade e da persistência, deve-se às regras estabelecidas no início do ano letivo e afixadas na sala, as quais a professora prima por serem todos os dias cumpridas.

Ainda que esta seja uma turma um pouco homogénea a nível de comportamento, participação e empenho, cada um deles tem ritmos diferentes de aprendizagem, algo que a professora tem sempre em atenção, não fosse ela conhecer os seus alunos melhor do que ninguém. Desta forma, e já com uma visão geral da turma, a professora deu-nos a conhecer três casos muito particulares de três alunos com problemas a nível psicológico (falta de concentração e dificuldade em lidar com o insucesso escolar), de forma a podermos cooperar com a mesma, para dar apoio a todos de forma apropriada.

Assim, ainda que esta tenha sido a 1ª semana, posso afirmar que já conheço um pouco da turma e da sua dinâmica, quer por “culpa” das minhas observações diretas e participativas, como por “culpa” da professora, que faz questão de nos colocar a par de todas as situações e até mesmo das opções e estratégias que usa, o que nos permite conhecer cada vez mais e melhor um professor do 1º ciclo e aquilo que o deve caracterizar.

Quanto à professora, achei fantástica a forma como esta se relaciona com a turma e como conduz as suas aulas. Assim, ainda que tenha sido a 1ª semana, deu para perceber a relação de amizade e cumplicidade que a professora mantém com os seus alunos, bem como as

interações que estabelece com eles em cada momento e que são, sem dúvida, muito particulares, pois todos eles ficam envolvidos no trabalho ou nos diálogos que esta faz acontecer. Isto deve-se em muito às diversas estratégias de ensino usadas pela professora e observadas por mim, ao longo da semana. Estas marcam a diferença por cativarem e motivarem os alunos. Uma delas prende-se com as respostas a dar nos questionários dos livros, dado que as respostas completas passaram a não ser exigidas. Contudo, a professora testou essa possibilidade mas rapidamente a excluiu, pois em muito prejudicava os alunos, que na construção de textos não eram capazes de formar frases completas. Outras das estratégias estão ligadas à aprendizagem facilitada de alguns conteúdos, tais como as ordens e classes dos números, os números pares, a ordem alfabética, a origem das palavras, entre outros.

Já na leitura de qualquer texto, a professora ou faz uma chuva de ideias, antes de iniciar a leitura sobre um tema específico, como foi o caso do Outono, ou simplesmente desencadeia um diálogo onde cada aluno contribui com os seus conhecimentos prévios acerca do tema. De seguida, realiza a leitura do texto e no final permite que cada aluno leia também uma pouco do mesmo, em voz alta, de forma a praticarem a leitura. Por fim, explica o texto parágrafo a parágrafo, bem como as palavras desconhecidas, para uma melhor compreensão do mesmo pelos alunos.

Nas estratégias usadas, a professora inclui ainda os vários materiais disponíveis na sala de aula, desde sólidos, um calculador multibásico, barras cuisenaire, um relógio, entre outros, para uma melhor compreensão dos conteúdos lecionados por parte dos alunos, bem como para uma melhor perceção da realidade, uma vez que podem manipular os objetos.

Por fim, a professora utiliza ainda uma estratégia que lhe permite uma maior organização pessoal, ou seja, para além da planificação mensal exigida pelo agrupamento, a professora faz também uma planificação semanal, mais simples e prática, e que, segundo a mesma, lhe facilita imenso o dia a dia, pois ajuda-a a preparar as aulas dessa semana, sendo mais fácil prever, com tempo, os materiais de que necessitará, bem como uma orientação mais segura e concreta todos os dias e do que ficou por fazer, nos dias em que se alonga mais num ou noutro ponto. Esta planificação semanal é feita em conjunto com a professora da sala da outra turma de 3º ano, o que lhes permite programar algumas atividades que serão realizadas com as duas turmas juntas, estabelecendo-se uma interação entre as duas salas.

No que diz respeito aos trabalhos de casa também são uma constante ao longo da semana, contudo a professora apenas marca um ou dois exercícios como forma de consolidar conhecimentos.

Concluindo, considero que a professora trabalha sempre em prol dos alunos propiciando aprendizagens variadas, sempre com o intuito de proporcionar o melhor aos seus e de lhes garantir o direito ao sucesso escolar, ou seja, “(...) que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem **ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras** que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.” (Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo, 2004: 23)

Agora no que diz respeito à sala, esta encontra-se disposta em “U”, o que na minha opinião constitui um método viável, pois incentiva à participação e pode, simultaneamente, proporcionar momentos individuais e de grupo. Já o horário da turma é composto por tempo dedicados ao Português, à Matemática, ao Estudo do Meio, às expressões e às AEC's (inglês, educação física, música e educação moral e religiosa). Contudo, as áreas do estudo do meio e das expressões são as que contam com menos tempo disponível no horário, ainda que a professora valorize tanto estas áreas como as restantes.

Após fazer uma breve descrição da turma, dos métodos da professora, da sala e do horário, torna-se relevante marcar as dificuldades sentidas ao longo desta primeira semana e que se prendem, essencialmente, com o medo de errar, um sentimento que penso ser normal, dado que estou ainda a começar e que tem vindo a diminuir, muito por culpa da professora, graças ao à-vontade em que nos colocou desde o primeiro dia, ou seja, deu-nos a liberdade de poder circular pela sala, de ajudar os alunos no que estes necessitam e de corrigir os exercícios que estes realizam no decorrer do dia. Os alunos também nos receberam muito bem e já começam a demonstrar alguma confiança e à-vontade para solicitar a nossa ajuda. Por fim, também senti alguma dificuldade em relembrar algumas regras essenciais para a escrita palavras, o que me permitiu perceber um dos pontos em que tinha de trabalhar mais, para uma melhor formação profissional.

Por fim, as aprendizagens realizadas estão diretamente ligadas com as estratégias que a professora utiliza e a forma como esta trata e aborda cada conteúdo, ou seja, a observação permitiu-me aprender novas estratégias de ensino, bem como testar a minha capacidade de procurar e usar outras estratégias para explicar a resolução de um qualquer exercício, como foi o

caso de um exercício onde os alunos teriam de juntar os quatro algarismos, dos 6 existentes, de forma a encontrar o menor número par. Assim, comecei por leva-los a pensar em que números podia acabar e de seguida fomos número a número, primeiro colocamos o nº mais pequeno, depois o 2º mais pequeno e assim sucessivamente.

Resumindo, reconheço que me falta muita bagagem e que tenho pouca experiência, mas quero melhorar, para que possa ser sempre melhor e acima de tudo para que possa pôr em prática estratégias de ensino aprendizagem autênticas e que motivem os alunos na sua aprendizagem, ao aguçá-lhes a curiosidade para a descoberta. Posso ter a minha expectativa muito alta em relação aos objetivos a alcançar profissionalmente, mas também sei que tudo é possível com trabalho, dedicação e empenho no estágio do qual irei retirar o maior proveito.

Documento nº 2

Nesta segunda semana de estágio e já mais familiarizada com o contexto, centrei a minha observação em aspetos concretos do dia a dia da sala, para poder refletir melhor sobre as mesmas e com isso, aprender.

Começo por referir uma das primeiras atividades, o ditado, que na minha opinião será uma estratégia adequada, por constituir uma forma de registo que contribui para desenvolver a competência da escrita, além de ser uma atividade que os alunos gostam de realizar e na qual depositaram empenho. Contudo, a estratégia de correção dos erros dados pelos alunos, penso que não seja a mais adequada, não fosse ela a tradicional cópia da mesma palavra 5 vezes. E não será a mais adequada porque, ao copiar a palavra, o aluno poderá fazê-lo de forma tão mecânica que acaba por não ter consciência do erro e da forma correta da palavra, o que se pode comprovar, ao verificar que o texto do qual fizeram o ditado tinha sido estudado em casa, e os alunos tinham feito 5 vezes as palavras que consideravam mais difíceis, contudo na realização do ditado, acabaram, quase todos, por errar nessas mesmas palavras, o que comprova exatamente que, ao escrever 5 ou 10 vezes a palavra, o aluno poderá não fazê-lo com a concentração que se esperava para fixar a escrita da mesma. Desta forma, uma boa sugestão seria colocar os alunos aos pares, e leva-los a corrigir o ditado um do outro, pois iria exigir maior concentração no que estavam a fazer, logo iriam estar mais atentos aos erros e à sua escrita correta, além de poderem trocar impressões sobre mesmos. Uma outra sugestão possível, seria escrever no quadro os erros ortográficos mais frequentes, a fim de serem analisados pela turma, para compreenderem o que estaria a falhar.

Ainda no que diz respeito a ditados, a professora realizou um outro que achei muito curioso e que consistia no seguinte: a professora ia ditando o nome dos elementos que compunham uma paisagem natural, bem como a sua localização na folha (ex. a ponte está no canto superior direito) e os alunos tinham de desenhar o elemento no local certo. Penso que esta seja uma atividade adequada, pois, para além dos alunos também gostarem muito de a realizar, permite-lhes desenvolver a capacidade de imaginação, uma vez que formam imagens mentais dos elementos que vão desenhar e que nunca tinham sido observados, para além da criatividade. No final, os alunos compararam os seus trabalhos, o que se revelou também muito curioso, pois constataram que cada um desenha os mesmos elementos de forma completamente diferente, assim como o resultado final da paisagem desenhada, que se diferenciava de aluno para aluno.

Para além do ditado, muitas outras atividades foram realizadas pela professora, e para as quais usou estratégias adequadas e simples e que permitiram aos alunos uma maior e melhor compreensão do conteúdo. Estas passaram por decompor números para uma maior noção das diferentes partes do número, a fim de facilitar a leitura dos números ordinais. Estratégia esta que estava adequada ao conteúdo, pois aqueles alunos que não conseguiam ler os números, ao decompor, faziam-no rapidamente.

No decorrer do dia-a-dia da turma, a comunicação oral é algo que se destaca, por ser uma comunicação aberta, caracterizada pelo diálogo. Nestes, os alunos, para além de responderem às questões da professora, ainda expõem as suas ideias, ou seja, a professora dá espaço para que os alunos participem e partilhem opiniões, ideias e dúvidas com o restante grupo. Desta forma, considero que os diálogos, quer sobre temas específicos, como sobre os conteúdos a serem lecionados, decorrem dentro do que é esperado, pois do que pude ler de Arends (1995), ninguém deve assumir um papel passivo dentro da sala de aula, ou seja, alunos e professores devem participar nos diálogos/discussões da sala, sendo que não temos apenas alunos que aprendem com o professor, mas também um professor que é aprendiz. Isto porque, a participação na sala de aula constitui uma das estruturas citada por Arends (1995) que influenciam o ensinar e o aprender, logo esta troca mutua de saberes torna-se positiva tanto para o professora, que ensina, como para o aluno, que aprende.

Um outro aspeto que fui capaz de observar no decorrer da semana, foi a capacidade da professora estar atenta a tudo aquilo que vai acontecendo, ao mesmo tempo, dentro da sala, ou seja, a simultaneidade de acontecimentos que surgem e os quais a professora é capaz de

observar, respondendo a todos eles de forma adequada. Contudo, esta simultaneidade de acontecimentos, para mim, ainda se torna um pouco complicada, constituindo assim umas das minhas dificuldades, pelo demasiado envolvimento que deposito numa tarefa. No entanto, e sendo esta uma das características da sala de aula apontadas por Doyle (1985) e citada por Arends (1995), que molda o comportamento de alunos e professores, irei desde já combater esta dificuldade, para que no futuro, onde apenas eu assumo o papel de professor, esta característica não constitua um obstáculo ao bom funcionamento da minha sala de aula.

Por fim, quero ainda relatar uma observação acerca da interpretação de questões ou desafios. No decorrer da semana, na realização de algumas das fichas, a professora optava por não ler o enunciado, para levar a uma maior autonomia por parte dos alunos nessa tarefa e assim evitar que nos exames cometam esses mesmo erros, tal como se tem vindo a verificar. Contudo, em diversas questões, os alunos recorreram à professora por não as entenderem, isto acontecia essencialmente por estes não saberem ler nem interpretar adequadamente a pergunta. Assim, ao refletir e analisar a situação, compreendi que o problema estava na “preguiça” em ler a pergunta até a entenderem ou na leitura errada na mesma. Algo que pude comprovar quando um dos alunos não conseguia resolver um desafio matemático porque, ao pedir-lhe para o ler, verifiquei que este lhe dava de tal forma uma entoação diferente da esperada, que lhe alterava completamente o sentido da frase, bem como o que era pedido. Esta dificuldade dos alunos, levou-me a refletir sobre o assunto e a procurar estratégias para combater esta dificuldade, concluindo que poderia desenvolver o meu projeto à volta disto.

Por fim, nesta segunda semana, e após a realização de algumas leituras, consegui focar melhor as minhas observações, de forma a refletir sobre aquilo que seria realmente pertinente.

Documento nº 3

Um dos pontos em que me vou focar nesta reflexão, são as planificações semanais elaboradas pela professora e as mudanças que nelas podem ocorrer. Estas, ainda que possam ser muito simples, pois apenas têm os materiais e as atividades, permitem-lhe uma maior e melhor organização daquilo que terá de abordar em cada área curricular. Assim, é de realçar a importância da planificação, pois “(...) o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e atividades não direcionadas (...)”, sendo que “(...) a planificação de qualquer tipo de atividade melhora os seus resultados. (...)”, (Arends; 1995, p.45).

No decorrer da semana, a professora sentiu a necessidade de alterar uma atividade planejada, de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos, ou seja, ao que eles gostam de fazer, conjugando, assim, interesse com aprendizagem. Isto aconteceu na área curricular de Estudo do Meio, em que a atividade planejada para dar continuidade à temática do aparelho digestivo era a realização de um jogo de tabuleiro, contudo a professora concluiu que não seria uma boa estratégia, pois as questões deste eram sobre o dia-a-dia das crianças, logo iriam mentir para poder avançar no jogo. Desta forma, a professora alterou a planificação, tendo escolhido a visualização de um vídeo de desenhos animados, que retratava todo o processo da digestão. Esta foi uma estratégia adequada, pois foi ao encontro dos interesses dos alunos e cativou-os, permitindo-lhes assimilar mais facilmente novos conhecimentos acerca do tópico e ainda ter uma noção mais clara da realidade.

Com o tipo de estratégias, como a mencionada anteriormente, e com outras também usadas pela professora (músicas, jogos, vídeos), esta pretende lecionar de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos, de forma a atingir os objetivos pretendidos, tentando não se limitar ao uso do manual, tal como deve ser feito. Isto porque, o manual escolar deve ser visto como um objeto securizante, que dá segurança ao professor, ao aluno e aos pais e que funciona como mediador entre eles. Idealmente, este deverá conduzir o aluno para a observação e a experimentação, deverá apresentar-se como orientação para a primeira aprendizagem pela descoberta, deverá estimular o aluno para a aprendizagem e deverá ser elaborado em função do aluno. Já para o professor este deve ser encarado como orientador, suporte e um dos recursos da prática curricular, ou seja, todos os professores devem ser formados “ (...) para serem construtores do currículo e não meros executores ou consumidores dos manuais.” (Alonso; 1996, p.13), assim devem lecionar os conteúdos com base nos diferentes recursos adequados a cada um.

Contudo, o uso do manual ainda está muito marcado no decorrer da semana, assim a professora deveria apostar ainda mais em estratégias diversificadas, inovadoras e motivadoras, de forma a cativar cada vez mais os alunos para o processo de ensino-aprendizagem.

Além de alterar a estratégia, sempre que necessário, a professora muda também a ordem pela qual leciona as áreas curriculares, os conteúdos ou as atividades, de forma a estabelecer uma interdisciplinaridade, ou seja, uma relação de complementaridade entre diferentes áreas, o que mostra a possibilidade de interligar todas as capacidades, saberes, procedimentos e atitudes.

Exemplo do que acabei de referir é uma atividade que interligava a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, e que consistiu na realização de um acróstico em grande grupo. Num primeiro momento, os alunos falaram um pouco acerca da temática da alimentação, expondo os seus conhecimentos, para, posteriormente, juntarem as ideias, a fim de construírem o acróstico. Esta foi uma estratégia adequada pois, além de permitir a interdisciplinaridade, o grupo manteve-se atento, concentrado e empenhado para a elaboração do mesmo. Este permitiu aos alunos, não só relembrar o que já tinham aprendido, como praticar a construção de frases, a conexão entre estas, a conjugação de verbos e o uso dos termos corretos. Assim, a professora proporcionou aqui um momento de diálogo, de partilha de ideias, opiniões e conhecimentos entre o grupo, características da aprendizagem cooperativa.

Por fim, além das alterações e da ordem, é ainda de referir que a professora, muitas vezes, se estende mais do que aquilo que estava planificado, ultrapassando o tempo previsto. Isto acontece porque os alunos podem apresentar mais dificuldades, e a professora não avança sem que todos tenham compreendido os conteúdos abordados ou sem que todos tenham terminado, permitindo uma aprendizagem para todos, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um.

Concluindo, devemos tomar as planificações como sendo abertas e flexíveis, para que possamos adaptá-las aos interesses, às necessidades e aos ritmos de aprendizagem dos alunos. Bem como tomá-las apenas como guiões, que orientam a prática do professor, não sendo necessário cumpri-lo rigorosamente, pois depende de muitos fatores externos, os quais fui mencionando. Tal como nos refere Alonso (1996)

O processo de ensino aprendizagem não deve ser um reflexo mecânico da planificação do professor (modelos tecnológicos), nem um reflexo simplificador dos interesses dos alunos (modelos espontaneístas)." deve ser "(...) o resultado da integração, de forma natural, das intenções educativas do professor (expressas como hipóteses sobre o conhecimento escolar desejável) com os interesses refletidos e organizados dos alunos, expressos como problemas a investigar na aula (p.42).

No entanto, ainda que possa parecer difícil, com a experiência que vou adquirindo, sei que esta abertura e flexibilidade características das planificações vão-se tornando algo natural.

É ainda importante mencionar que toda e qualquer planificação deve ser avaliada e refletida, para que o professora possa compreender o que terá de melhorar numa próxima e assim "(...) organizar processos de ensino-aprendizagem activos, significativos, globalizadores, interativos e diferenciados." (Alonso; 1996, p.2).

Outras atividades foram realizadas, e desta vez dedicadas à Matemática, tais como realização de alguns desafios matemáticos. Esta é uma atividade do interesse da maior parte da turma, que se manteve concentrada na sua realização. Aqui, pude constatar que os alunos se desafiam a si mesmos, explorando todo o desafio até à exaustão, por isso, considero uma estratégia adequada, pois além de ir encontro dos interesses dos alunos, permite-lhes desenvolver estratégias cognitivas e metacognitivas para resolver possíveis conflitos cognitivos. Além disso, é uma atividade que possibilita ao aluno utilizar e aplicar o que aprendeu e tornar a aprendizagem funcional, para resolver os desafios.

Contudo, e visto que alguns alunos registam algumas dificuldades na matemática, estes desafios deveriam estar adaptados às necessidades dos mesmos, ou seja, aos diferentes níveis de aprendizagem, o que não se verifica. Isto porque, os alunos com mais dificuldade acabam por se sentir incapazes e desmotivados, contribuindo para o seu insucesso.

Desta forma, considero que se deve optar por concretizar mudanças moderadas ao nível da dificuldade e complexidade, pois favorece a motivação do aluno ou podemos optar por acompanhar mais estes alunos e ao ensinar, devemos entender quais as variáveis que afetam a motivação dos mesmos, para que os possamos ajudar a pensar, ou seja, devemos criar um “contexto de cooperação e superação individual em que se oriente a atenção das crianças para o que fazem e como fazem mais que para os resultados, ajudando-as a confrontar-se com o erro e o fracasso enquanto oportunidades para aprender.” (Alonso, 1996, p.46)

Documento nº 4

Na reflexão desta semana vou-me focar apenas num momento em que dirigi uma atividade juntamente com a minha colega.

Tudo começou após uma visita de estudo, inesperada, ao Museu dos Biscainhos, dado que a professora não se recordou da mesma. Esta foi realizada como estratégia de aprendizagem de um dos blocos a serem lecionados no programa de Estudo do Meio, “À descoberta dos outros e das instituições”. O momento da visita mostrou-se interessante para os alunos, permitindo-lhes conhecer um pouco do nosso passado, no contacto com o real. A aguçada curiosidade e atenção dos alunos nas aprendizagens que podiam retirar da visita foi notória, pelas questões que colocavam sobre os mais ínfimos pormenores.

Desta forma, e partindo do princípio de que o professor, ao longo do programa, deve optar por experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e

socializadoras, que permitam ao aluno atingir o sucesso escolar, considero que a visita de estudo seja uma estratégia de aprendizagem diversificada, por constituir um momento de aprendizagem diferente dos momentos que os alunos estão habituados a ter no dia-a-dia e por permitir uma aprendizagem mais cativante, pelo contacto com o real. Assim, o professor pode usar uma pluralidade de estratégias de ensino de um mesmo conteúdo, permitindo-lhe inovar todos os dias, pois tal como nos dizem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (M.E, 1997), a aprendizagem diversificada aponta para

a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados. Variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo, são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos. (p.24).

No entanto, além de diversificada, estas aprendizagens também deveriam ser ativas e significativas, o que não se verificou, por ter sido muito inesperado. Contudo, a professora poderia ter estabelecido um pequeno diálogo com os alunos, antes da visita, sobre o que sabiam sobre o nosso passado e sobre o que esperavam da visita, ou seja, partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para a visita de estudo, para que dessa forma atribuíssem ainda maior significado à experiência.

Além da importância da visita como atividade diversificada, esta permite ainda ao aluno desenvolver o seu conhecimento e o apreço pelos valores característicos da história de Portugal, partindo mais concretamente da história da nossa cidade.

Após a visita de estudo, sugerimos à professora a realização de uma atividade pensada por nós. Esta não foi planificada, mas sim pensada no último instante, daí a nossa consciência do aparecimento de contratemplos, pois se eles existem quando se planifica, mais ainda quando não o fazemos.

A nossa proposta recaiu na realização de um trabalho de grupo, em que cada grupo realizava um Banda desenhada sobre a visita de estudo e que seria posteriormente apresentada à turma, após a sua colagem numa cartolina. Os grupos eram constituídos por 5 alunos, tendo cada grupo de eleger um “porta-voz”. Isto porque, antes de começar a BD propriamente, cada grupo teria de planificar o que cada elemento queria desenhar, para que não fizessem todos os mesmos desenhos, bem como o que iriam escrever, logo a eleição de um porta-voz que registasse as ideias de todo o grupo. No entanto, esta planificação suscitou muitas dúvidas, porque os alunos desconheciam esta estratégia, algo de que nos fomos apercebendo pois tivemos de acompanhar e auxiliar mais os grupos neste momento e por não termos exposto exatamente o

objetivo da planificação, considerações que terei em conta nas próximas intervenções e consequentemente nas planificações.

A estratégia utilizada recaiu sobre o trabalho em grupo, para que pudéssemos observar a dinâmica que podia ou não existir com este tipo de trabalho, a capacidade dos alunos em resolver conflitos comuns ao grupo, a capacidade de cooperação entre os membros do grupo, assim como o tipo de comunicações que os alunos estabelecem entre si, a fim de atingirem objetivos comuns.

Neste sentido, muitas estratégias podem ajudar a desenvolver uma aprendizagem cooperativa, tais como o trabalho em grupo, permitindo ainda atingir três objetivos bem definidos:

1. A realização escolar, pois todos aprendem, uns com os outros independentemente dos níveis de aprendizagem de cada aluno, ou seja,

a aprendizagem cooperativa pode beneficiar tanto os bons como os maus alunos que trabalham juntos em matérias escolares. Os bons alunos orientam os maus alunos dando assim a estes últimos uma atenção especial. Neste processo, os bons alunos retiram dividendos escolares já que ser orientador requer um pensamento mais aprofundado acerca das relações e do significado de um conteúdo particular (Arends, 1995, p.372).

Algo que verifiquei em alguns grupos, à medida que ia circulando pelos mesmos, pois havia uma ajuda mútua na tentativa de conseguirem trabalhos bem elaborados e o mais parecidos à realidade.

2. A possibilidade de melhorar as relações entre raças, bem como aceitar as diferentes personalidades dos colegas, ou seja, a possibilidade de se apreciarem uns aos outros e de aprenderem a lidar com a diferença, quer a nível cultural, como ao nível das aprendizagens. É, assim, importante frisar esta apreciação entre os membros do grupo, pois esta última suscitou alguns problemas que poderiam contribuir para a diminuição da autoestima de alguns alunos, o que me levou a intervir moderadamente e apenas quando necessário, a fim de incentivar a resolução de conflitos, promovendo a entreajuda e a aceitação das diferenças, não fosse o trabalho de grupo, capaz de desenvolver "(...) uma amistosidade considerável entre os membros do grupo." (Arends, 1995, p.367)

3. A possibilidade de aprender competências de cooperação e colaboração, uma vez que na aprendizagem cooperativa, mais concretamente no trabalho em grupo,

os membros devem aprender e devem exercitar as competências fundamentais para trabalhar em grupo. Entre estas competências contam-se a gestão de conflitos e a

resolução de problema, as quais permitem aos alunos resolver as suas próprias questões de formas socialmente aceitáveis. (Lopes, Rutherford, Cruz, Mathur & Quinn, 2006, p.25),

ou seja, vai permitir ao aluno adquirir competências importantes para viver em sociedade, além de desenvolver o sentido de pertença a um grupo e para o qual tem de trabalhar, a fim de atingir o sucesso do mesmo.

Desta forma, como professor mediador, estimei a interação e a participação de todos, tendo atribuído o papel ativo e central ao aluno na resolução de conflitos, tal como aconteceu num dos momentos, em que lembrei que se um dos elementos falha-se, todo o grupo sairia prejudicado, o que motivou o grupo a resolver a situação, isto porque “1.As relações interdependentes, nas quais a cooperação é reforçada, levam a uma motivação mais forte para completar a tarefa comum.” (Arends, 1995, p.367), o que se verificou.

Além dos objetivos que este tipo de trabalho nos permite alcançar, esta estratégia permitiu-nos ainda trabalhar as diferentes áreas de conteúdo: a expressão plástica, com a representação pictórica do que tinham observado na visita, assim como a colagem na cartolina; o Estudo do Meio, uma vez que os alunos, a partir do desenho, traduziram e consolidaram os seus conhecimento acerca de um Museu como parte integrante do Património local; e o Português, com a escrita de um tipo de texto (BD) e a exposição oral do trabalho à turma.

Desta forma, permiti-mos aos alunos expor no papel o que tinha aprendido, e a partir da comunicação escrita e oral, expuseram à turma as aprendizagens mais significativas de um dos conteúdos de Estudo do Meio. Assim, cabe ao professor criar oportunidades e momentos, para os alunos se desenvolverem nestes dois tipos de comunicação fulcrais a todas as áreas de conteúdo, daí serem essenciais para o sucesso escolar e para que os alunos possam viver plenamente na nossa sociedade, não fosse a Língua Materna ser reconhecida

como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia. Tem-se, como seguro, que a restrição da competência linguística impede a realização integral da pessoa, isola da comunicação, limita o acesso ao conhecimento, à criação e à fruição da cultura e reduz ou inibe a participação na práxis social. Entende-se que o domínio da Língua Materna, como factor de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares, condiciona o sucesso escolar (M.E, 2004, p. 135).

Assim, como podemos constatar, “Um dos aspetos importantes da aprendizagem cooperativa é o de que, ao ajudar a promover o comportamento cooperativo e ao desenvolver melhores relações grupais entre os alunos, está simultaneamente a ajudar os alunos na sua aprendizagem escolar.” (Arends, 1995, p.369)

Por fim, após refletir sobre a importância do trabalho em grupo, destaco outros pontos sobre os quais é necessário refletir, por constituírem dificuldades sentidas no decorrer da atividade, sendo eles a dificuldade em gerir a confusão que surgiu quando a turma transitou para as equipas de trabalho, algo que devo melhorar recorrendo a estratégias práticas que me permitam conseguir momentos transitórios mais calmos. Outra das dificuldades foi o controlo do barulho, o que poderá ser melhorado com a diminuição do número de elementos por grupo, o que terei em atenção numa próxima planificação.

Outra das dificuldades surgiu porque os alunos não tinham trabalhado muito as BD's, o que fez com que o objetivo não fosse totalmente alcançado, tendo acabado por fazer as imagens apenas com legenda. Assim, seria importante mudar um pouco a estratégia, ou seja, começar por analisar e ler outras BD's e só depois passar para este tipo de trabalhos. Por outro lado, deveríamos ter especificado bem os objetivos da atividade, algo que não fizemos.

Contudo, compreendo algumas das falhas cometidas como oportunidades para crescer a nível profissional, pois permitir-me-á melhorar as planificações e as intervenções, compreendendo a importância da planificação atempada, o que só é possível a partir da avaliação/reflexão do que foi feito, para poder replanificar e conseqüentemente melhorar. Além disso, considero este um bom momento de aprendizagem pois compreendi a minha atitude positiva face a uma situação de imprevisto, pois é algo que acontecerá muitas vezes ao longo do meu percurso profissional.

Este foi ainda um momento importante, por sentir a segurança e a confiança que os alunos depositaram em mim, enquanto professora estagiária, dado que me requisitaram várias vezes, para exporem as suas dúvidas e para pedirem conselhos. Já no final, deram um feedback muito positivo da atividade, o que levou os alunos a questionarem-nos, em dias posteriores, quando voltaríamos a ser “nós professoras a dar uma aula”. Desta forma, tive a plena certeza de que o grupo já estava conquistado, o que é muito importante, pois faz com que adiram, e com motivação, a atividades futuras, organizadas por nós. Além de me permitirem sentir a profissão na sua plenitude.

Documento nº 5

Na reflexão desta semana vou-me focar em dois momentos que considere serem os mais importantes na semana.

No primeiro dia da semana, foi-me possível observar a realização de uma ficha de avaliação intermédia, que é realizada a meio do período. Esta é uma das estratégias da professora para que possa avaliar os conhecimentos que os alunos adquirirem ao longo do mês, bem como as principais dificuldades, para assim ajudá-los a melhorar e a obter melhores resultados na ficha sumativa (no final do período), além da professora, também os alunos tomam consciência dos aspetos mencionados. Assim, “A riqueza desta **avaliação contínua** é situar cada aluno no currículo e favorecer uma deteção precoce das dificuldades ou das potencialidades de cada um, permitindo, por um lado, um ensino individualizado e, por outro, não deixar alargar demasiado o leque das diferenças de saber entre os alunos.” (Ferreira & Santos, 2007, p.63)

Por outro lado, este tipo de avaliações permitem ainda ao aluno encarar cada vez melhor o momento da avaliação, além de se conhecer melhor, em suma,

Esta **avaliação formativa** permite ao aluno ir tomando conta das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que melhor se compreende e, portanto, a não ter receio do ato de avaliação. A avaliação formativa, na medida em que motorizamos todo o processo de ensino-aprendizagem, constitui um instrumento de autoconhecimento para o aluno: o estudante pode compreender melhor o seu estilo cognitivo, os conteúdos que adquiriu e os que precisa de adquirir, a sua maneira típica de reagir às situações de facilidade/dificuldade, sucesso/fracasso, o seu relacionamento interpessoal, reação à aprovação/desaprovação do professor ou colegas. (Ferreira & Santos, 2007, p.63)

Sabemos que estas não são as únicas formas de avaliação, pois o professor, deve observar os alunos em todos os momentos de trabalho do dia a dia, mantendo-se em constante avaliação das perdas e dos ganhos que estes vão conquistando. Contudo, olhando para os objetivos da realização da ficha, além da avaliação centrada no aluno, esta poderá ainda constituir uma forma de avaliação do próprio professor, pois permite-lhe compreender se as estratégias de ensino usadas estão a surtir o efeito desejado. Muitas das vezes, as dificuldades dos alunos estão ligadas a fatores internos ou externos, mas também sabemos que por vezes a estratégia que o professor usa, pode não estar adequada às características e às necessidades do grupo. Como podemos ver isso? Se num determinado exercício todos sentem dificuldade, acabando mesmo por não fazer ou fazer errado, significa que a estratégia usada pela professora, ao lecionar aquele conteúdo, não resultou.

Além da realização da ficha, foi-me possível observar toda a preparação da sala para tal momento. Desta forma, a professora separa as mesas, que no dia a dia se encontram dispostas em U, e coloca um livro de capa dura em todas as mesas, como separador, para que nenhum

aluno copie pelo colega. Esta atitude da professora perante a ficha leva-me a querer que poderá conduzir a uma maior competitividade, nesta e noutras atividades, e que é visível no dia a dia, visto que eles não deixam os colegas copiar os exercícios, e quando avistam alguém a fazê-lo, denunciam imediatamente o sucedido à professora. Numa tentativa de ultrapassar a competitividade que se pode criar, até que ponto não seria mais adequado partir para as fichas, após uma consciencialização sobre a importância de não copiarem uns pelos outros? Isto é, levar os alunos a compreender que existem momentos para trabalhar em grupo e individualmente, como é o caso, e que só assim poderemos ver as dificuldades que estes têm para poderem superá-las.

Por outro lado, como costumamos dizer, “o fruto proibido é o mais apetecido”, ou seja, com estas separações, os alunos com mais dificuldade acabam por copiar na mesma, o que pode ser constatado nas próprias fichas, pois num dos exercícios, a maioria teve mal, por não ter lido bem o enunciado, mas reparei que todos os que acertaram eram colegas de carteira.

No decorrer desta semana, demos ainda início ao nosso projeto curricular integrado ao colocar 3 questões fulcrais aos alunos, sendo elas “O que sabem sobre o património e os vestígios?”; “O que querem saber?” e “Onde podem descobrir?”. Importa ainda referir que este momento surtiu algumas dificuldades sentidas enquanto profissional, sendo elas a dificuldade em controlar o barulho, ainda que tenha tomado a posição de me calar sempre que a confusão se instala, o que leva os alunos a chamar a atenção uns dos outros para se calarem, contudo o silêncio não dura muito tempo e a dificuldade em gerir as ideias dos alunos, a fim de estes não divagarem muito, o que aconteceu muitas vezes. Assim, isto mostra a importância de procurar diferentes estratégias pessoais, que marquem a minha ação enquanto professora e que se adequem ao grupo em questão.

Após este primeiro momento, demos por aberto o início do projeto tendo por base os conhecimentos prévios dos alunos, bem como as questões para às quais querem uma resposta, de forma a atribuírem significado às aprendizagens, um conceito importante e a ter em conta para que os alunos possam aprender a aprender, pois segundo Ausubel (1978, citado por Ferreira & Santos, 2007, p.23) “a aprendizagem é <<aprender a aprender>>, uma vez que os novos conhecimentos constroem-se, não se memorizam, isto é, desenvolvem-se a partir da experiência previamente possuída.”. Assim como nos refere Valadares & Moreira (2009) a aprendizagem significativa “traduz um processo através do qual um determinado conceito, ou uma determinada afirmação, se relaciona com a estrutura cognitiva de quem o aprende, ficando

integrado nela.”. Desta forma, o aluno irá construir um significado próprio e pessoal, acerca dos objetos de conhecimento, pois “Aprender, é dar sentido e significado à realidade, ou seja, compreender, relacionar e construir para poder aplicar” (Alonso, 1996, p.40)

Desta forma, quero incluir nas minhas práticas um aluno que é ativo, capaz e pensante, que adquire um papel central nas aprendizagens que vai realizando, ou seja, um aluno que é o principal construtor do processo de ensino, cabendo-me o papel de mediador, de forma a criar ambientes propícios à aprendizagem, isto porque a aprendizagem não é mais do que “(...)um processo ativo de assimilação e de reconstrução do conhecimento e da experiência, que explica o enriquecimento e modificação qualitativos das potencialidades do indivíduo para compreender e intervir sobre o meio para o melhorar.” (Alonso, 2005, p.20).

Além disso, no processo de ensino-aprendizagem deverá existir uma relação intrínseca entre os conhecimentos prévios que o aluno já possui e o conhecimento escolar desejável, aquilo que irá aprender, tal como pretendo fazer, assim dei e continuarei a dar voz aos alunos e a atender aos interesses e necessidades do grupo, de forma a criar as condições necessárias para uma aprendizagem significativa. Neste sentido, torna-se necessário criar um currículo integrado para uma melhor aprendizagem.

A integração curricular inclui assim uma educação mais aberta à participação dos alunos, onde estes são o centro de todo o processo educativo, uma aprendizagem que estabelece vínculos entre as diferentes áreas curriculares, uma aprendizagem inclusiva, criativa, que integra os alunos os professores e o meio, enfim, uma escola que dá ao aluno todas as condições para se exprimir livremente e para participar na sua própria aprendizagem. A integração surge então de um paradigma, ou seja, “(...)uma síntese de formas de pensamento e de metodologia sobre uma determinada realidade que serve para progredir através do processo de resolução de problemas, orientando a teoria, a acção e a investigação.” (Alonso, 2004, p.2). Para a construção deste paradigma contribuíram as perspetivas construtivistas, ecológicas e sóciocríticas, pois “A complementaridade entre estas perspetivas permite-nos trabalhar com um paradigma integrado de currículo que atende simultaneamente ao indivíduo, enquanto construtor de aprendizagem capaz de dar significado ao conhecimento, e a experiência através da interacção socializadora e crítica com os contextos de referência (...)” (Alonso, 2004, p.4).

Neste sentido, as perspetivas acima referenciadas surgem numa tentativa de ultrapassar o modelo academicista e tecnológico que toma o aluno como ser passivo no seu processo de aprendizagem, onde o professor toma o papel central. Roldão (2009) refere ainda que o modelo

integrador é de referência e o “(...) mais adequado ao desenvolvimento do currículo e à organização do ensino e da aprendizagem no período dos 6 aos 12 anos (...)” (Roldão, 2009, p. 192), ou seja, um currículo que proporciona ao aluno as melhores e mais autênticas aprendizagens, onde relaciona as ideias e os valores educativos, transformando-os em propostas de intervenção práticas, de forma a melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, para a construção de um currículo integrado, equilibrado, relevante e coerente devo atender aos diferentes critérios que o caracterizam, tais como o ser pluralista; Sistemático; Proporcional; Relevante; articulado horizontalmente, verticalmente e lateralmente; e ainda três que se destacam como sendo os fundamentais: a flexibilidade, para poder ser modificado sempre que necessário; a adequação, às diferentes características e necessidades dos alunos e o equilíbrio, para uma harmonia entre diferentes partes, que poderão ter representações diferentes, mas com igual grau de importância. Estes são critérios essenciais para uma correta construção do currículo.

Desta forma, o currículo integrado diz-nos que todas as áreas do saber devem ser tomadas por igual, onde o professor não estabelece uma hierarquia disciplinar, nem discrimina áreas relativas à expressão plástica, por exemplo, por achar que é menos importante ou até mesmo insignificante. A não esquecer que todas as áreas do saber deverão desenvolver as mesmas competências transversais, ainda que algumas estejam mais interligadas

Posso assim concluir que irei trabalhar no sentido de desenvolver mentes mais abertas, onde os alunos conduzem a sua própria aprendizagem, ao contribuírem com a partilha das suas experiências pessoais, sendo-lhes possível aceder a uma aprendizagem ativa e significativa. Isto porque, “o professor tem nas suas mãos a possibilidade de uma gestão integrada do currículo” (Alonso, 2004, p. 15). Não será fácil, é certo, mas estou focada nos meus objetivos, de crescer enquanto profissional e de marcar a minha identidade profissional, e isso só será possível percorrendo os caminhos pedagógicos “politicamente” mais corretos. Acima de tudo está o aluno e a importância do professor enquanto modelo e ainda como ser que contribui significativamente para as aprendizagens dos alunos, e é por isso que quero trabalhar sempre em prol deles, partindo sempre dos interesses do grupo para, dessa forma, poder atingir os objetivos pretendidos no decorrer dos períodos, bem como as metas curriculares.

Para que tudo seja possível, e na tentativa de clarificar a importância do PCI e de tomar o rumo certo, tento sempre que a leitura seja uma presença obrigatória e constante para que

possa interagir, sentindo-me à vontade, para tomar as decisões adequadas e para poder ir sempre mais além, marcando cada vez mais a minha identidade profissional.

Documento nº 6

Na reflexão desta semana vou-me focar apenas num momento que considerei ser o mais importante da semana, por ter sido conduzido por mim e pela minha colega.

Antes de mais, quero referir que existe de facto uma grande distância entre a teoria e a prática profissional, sendo o arranque do projeto - as questões colocadas inicialmente e o momento que abordarei a seguir - são exemplo disso. Começar a modelar o projeto e definir os primeiros passos, foi particularmente difícil. Como professora estagiária, senti-me confusa e um pouco assustada, pois achava este início pouco sólido e muito superficial, onde não conseguia ver nenhuma interligação.

Além de já ter tido a possibilidade de simular um Projeto Curricular Integrado, no ano transato, admito que aplicá-lo à prática não é tão simples como parece na teoria, por todos os entraves que vão surgindo, essencialmente ligadas a fatores externos tais como: a carga horária que nos é disponibilizada, a conciliação do projeto com visitas de estudo no dia e semana que nos convém, a dificuldade em controlar o entusiasmo da turma quando abordamos um tema, assim como imprevistos que surgem sem pré-aviso.

Realmente, na teoria, compreendemos todo o procedimento da elaboração do PCI, ao simular, mas é na prática que aprendemos verdadeiramente, é no contacto com a realidade que construímos aprendizagens significativas. É ao pôr em prática, é ao aplicar a teoria, que vamos compreendendo e aprendendo mais e melhor, pois nem sempre a teoria vai ao encontro do que é possível fazer na prática, onde compreendemos que todo o mundo cor de rosa que envolve a teoria, acaba por escurecer um pouco, pelas mais diversas dificuldades, como já mencionei.

Desta forma, relato agora um momento que surgiu como forma de dar início ao projeto que tinha sido iniciado na semana anterior. Assim, pedimos à professora para sermos nós a marcar os trabalhos para casa, ou seja, uma pesquisa acerca da nossa cidade.

Para o dia seguinte, estava planificada uma atividade em pequeno grupo, sendo a tarefa principal, reunir a informação do das pesquisas sobre Bracara Augusta, organizá-la, selecioná-la e sistematizá-la. Ainda que, ao contrário do que tinha acontecido no trabalho de grupo anterior, expusemos claramente os objetivos da atividade, para que os alunos soubessem o que iam fazer e para que o iam fazer. Contudo, o problema foi outro, estes não sabiam eleger a informação

mais importante, o que suscitou uma grande confusão, ainda que tenha apoiado, dentro dos possíveis, todos os grupos. Apoiar? Apoiar nunca se tornou tão difícil, a confusão gerada foi de tal ordem que não sabia para onde me virar. Esta dificuldade em selecionar a informação ficou sem dúvida registada e será trabalhada futuramente, no decorrer do projeto, recorrendo a diferentes estratégias.

Considero que a atividade não tenha corrido tão bem como seria esperado. A pressa em começar o projeto, exerceu sobre nós uma pressão que nos fez mergulhar de cabeça nesta atividade, sem ainda sabermos muito bem que caminhos íamos tomar, ou seja, deveríamos após levantar e analisar as necessidades dos alunos, devemos “articular, tanto vertical, como horizontalmente e lateralmente, todas as atividades curriculares que decorrem ao longo do ano, com um sentido integrador e uma intencionalidade educativa, ainda que de uma forma aberta e flexível” (Alonso, 2002, p. 75). Desta forma, e dado que a visita de estudo planeada não poderia ser feita no início do projeto, tivemos de mudar o rumo do projeto, ou seja, começar pela outra questão, sobre os monumentos, tornando as pesquisas uma escolha errada para “o agora”. Assim, fomos demasiado precipitadas, o que não é de todo mau, porque é com os erros que aprendemos e melhoramos a nossa prática profissional, caso contrário o estágio não tinha sentido. Todas as falhas permitem-me formular e reformular muito do que acontece diariamente, o que me ajudará a crescer, enquanto profissional.

Ainda no final da semana, partilhamos as planificações com a professora cooperante, a qual contribuiu com sugestões, para uma atividade e para a duração dos momentos, dada a pouca noção de tempo que ainda tenho. Cada vez sinto que estas partilhas que vão acontecendo com a professora são muito importantes para o meu crescimento enquanto profissional, pois a professora, melhor do que ninguém, vê todas as situações de fora, consegue aperceber-se de erros ou dificuldades que ainda me abarcam, e sobre as quais não me consigo aperceber. Neste sentido, sou a primeira a pedir à professora para me ajudar a refletir e até mesmo para me apontar críticas construtivas que me vão permitir melhorar numa próxima situação.

Documento nº 7

Estou com uma vontade enorme de escrever, mas ao mesmo tempo não sei bem por onde começar. A semana correu tão bem, entreguei-me de tal forma “à minha turma” que me senti muito professora, senti-me professora “dos pés à cabeça”. Entreguei-me, deixei-me levar, deixei fluir cada momento guiado por eles, resumindo-me ao papel de mediador.

Ser professor, mais do que dar, é receber, ou seja, é com os alunos que aprendo, são eles que me permitem aplicar o que aprendi para poder melhorar, são eles que todos os dias se juntam a mim e me permitem adquirir experiência à medida que vou criando oportunidades para estes construírem aprendizagens significativas. O que só é possível se, após definir o núcleo globalizador, começarmos por realizar um desenho global do projeto que nos permite organizar o pensamento e antecipar os rumos do projeto, uma vez que a abertura e flexibilidade são característicos do projeto, pois está constantemente sujeito a alterações que advêm dos interesses e das necessidades que os alunos vão demonstrando no decorrer do projeto.

Neste sentido e após definido o núcleo globalizador partimos para o desenho geral do projeto ao qual demos início com duas atividades integradoras, que começa a dar resposta à questão “Que monumentos existem na nossa cidade?” e que foram previamente planificadas e pensadas. A primeira atividade estava diretamente ligada ao Português, mas interligada com outras áreas de conteúdo, tais como: o Estudo do Meio e a Formação Pessoal e Social, já a segunda atividade estava diretamente ligada à Matemática, mas interligada com outras áreas de conteúdo, tais como: o Português, o Estudo do Meio e a Formação Pessoal e Social, permitindo assim a concretização de atividades que possibilitem aprendizagens interdisciplinares

Desta forma, segundo Alonso (1996),

o projeto curricular assenta numa abordagem globalizadora em que se organizam os conteúdos e as capacidades a desenvolver (objetivos) em sequências de aprendizagem interligadas – atividades integradoras – orientadas para a resolução de problemas, com sentido e intencionalidade, e situadas nos contextos experienciais das crianças, de forma a permitir a significatividade e a funcionalidade. Em vez de uma conceção do conhecimento como algo acabado e compartimentado, esta perspetiva organiza os conteúdos e as capacidades das diferentes áreas de forma interligada, permitindo, assim uma visão mais integrada e complexa da realidade. (p.31)

ou seja, no decorrer do projeto iremos ter em consideração uma articulação horizontal (interdisciplinaridade), característica do PCI, que quando tida em conta, permite estabelecer uma interligação entre as capacidades, o saberes e as atitudes desenvolvidos em atividades como as que irei explicitar, não fosse este um dos critérios fundamentais ao projeto. Contudo, além da articulação horizontal, é necessário atender a uma articulação vertical que permite ao aluno integrar umas experiências nas outras, daí a importância das diferentes atividades se integrarem uma nas outras, a uma articulação lateral, dada a importância de partir das experiências dos alunos, dos seus conhecimentos prévios, a fim de poderem dar sentido ao que aprendem, tornando as aprendizagens funcionais, ou seja, aplicáveis a novas aprendizagens e até mesmo úteis na resolução de problemas do dia a dia e por fim o equilíbrio, a harmonia que

deve existir entre as capacidades a desenvolver no aluno e as conteúdos a serem assimilados, sendo que nenhum é mais importante que o outro. Estes critérios devem estar sempre presentes para que as atividades possam ser consideradas como integradoras, algo que estamos a ter em consideração.

Relativamente à primeira atividade, num primeiro momento, planificamos a audição da história “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”, por apresentar diferenças entre a vida no campo e na cidade, a fim de iniciar o projeto, ao levar os alunos a compreender “onde vivemos” e “como é a nossa cidade”, bem como a interpretação e um resumo oral da história. No entanto, neste momento surgiu um imprevisto, a internet falhou, logo não podemos passar a gravação da história, o que nos fez passar para o “plano B”, ou seja, lemos a história oralmente e de seguida fizemos uma leitura parágrafo a parágrafo para esclarecer dúvidas sobre expressões ou palavras desconhecidas, permitindo-lhes ainda dialogar e opinar sobre as suas preferências (campo ou cidade). Desta forma, criamos oportunidades para que pudesse esmiuçar um pouco mais o texto. Neste momento foi visível a forma desembaraçada com que resolvemos o imprevisto, e ainda que possamos ser vistas como “amadoras”, soubemos, e bem, dar a volta à situação sem qualquer problema.

Por fim, colocamos um desafio, “Se tivessem de contar a história a alguém, o que diriam?”, o que os fez resumir, de forma muito rápida, simples e prática as ideias principais do texto, uma estratégia que permitiu aos alunos ter uma maior noção do que é resumir oralmente o que é mais importante dizer sobre determinado assunto/tema.

No que respeita ao desempenho da turma neste início da atividade, todos se demonstraram atentos, concentrados, participativos e empenhados, chegando mesmo a voluntariar-se para esclarecer algumas das dúvidas que os colegas colocavam, algo que permitimos desde logo, porque desta forma, aprendem uns com os outros e começam a aceitar as diferenças ao nível cognitivo, diferenças essas que são normais e com as quais devem saber lidar.

Num segundo momento decorreu o jogo do quizz, uma forma diferente e original de levar a turma a interpretar, de forma aprofundada, o texto. Assim, cada grupo teria de formular e escrever 4 questões, e de seguida tinham de trocá-las, entre os grupos, a fim de darem resposta às questões de outro grupo. A cada pergunta bem elaborada, e a cada resposta completa, decidiram atribuir 1 ponto, para respostas incompletas ou perguntas com uma ou outra palavra incorreta, decidiram atribuir 0,5 pontos. No final, leram as perguntas e respostas e debaterem, a

fim de concluírem se estava bem, se estava mal, porque estava mal e como seria então a resposta/pergunta correta. No entanto, para isso, os alunos tiveram de cooperar uns com os outros, assim, sendo o jogo uma forma de trabalhar em grupo, pois a turma foi dividida em 4 equipas (grupos), este permitiu aos alunos aprender mais eficazmente, dado que explicavam os conteúdos uns aos outros numa linguagem simples e acessível, contribuindo ainda para a diminuição do medo do fracasso, uma vez que o resultado era comum a um conjunto de alunos. Por isto, Salgado (s/d, citado por Ferreira & Santos, 2007, p.79) refere que “O trabalho de grupo é não só um método de ensino eficaz como, em certa medida, um processo terapêutico, um instrumento de integração do aluno na vida escolar, um autêntico processo de democratização, e, ainda, um fator de adaptação da escola à personalidade e situação dos alunos.”

Por tudo que referi, considero que o jogo tenha sido uma atividade extremamente positiva, uma vez que a turma se envolveu de tal forma que o silêncio foi quase total, o entusiasmo bem notório e a dinâmica dos grupos muito positiva. É caso para dizer que conseguimos fazer progressos ao nível do trabalho de grupo e atrevo-me a dizer que isto é sempre possível se optarmos por atividades motivadoras, atrativas e inovadoras, algo que deve estar sempre presente, pois toda e qualquer atividade extra manual têm sempre um gosto especial, logo tem tudo para atingir o sucesso, caso seja bem planificada, só por ser diferente daquilo a que estão habituados a fazer.

Assim, será a palavra “jogo” um contributo extra para a motivação dos alunos? Neste caso atrevia-me novamente a dizer que sim. A palavra jogo está diretamente ligada a um momento de brincadeira, e a uma competitividade que também está presente e que deve ser tida como saudável, porque é o pequeno prazer de competir que lhes dá uma motivação e uma predisposição para a aprendizagem, além da competitividade estar ainda presente ao longo da vida. Desta forma, os alunos, quase que sem se aperceberem, brincaram e aprenderam ao mesmo tempo, ou seja, esmiuçaram bem o texto para poder formular perguntas e dar respostas, a fim de ganharem o jogo.

Sendo as regras essenciais à vida em sociedade, e tal como acontece em todos os trabalhos de grupo, também neste foram traçadas regras essenciais ao jogo, ou seja, regras que permitiram jogar sem interferir no bom funcionamento da sala de aula, de forma a tomar o sucesso como palavra final do jogo. Assim, enumeraram-nas a fim de serem cumpridas por todos, caso contrário o grupo seria desclassificado.

No seguimento do jogo, surgiu ainda um pequeno problema, dois alunos desentenderam-se, e um deles começou mesmo a chorar. Dado o choque que estava a ocorrer entre ambos, decidi intervir, chamando-os à razão, para que compreendessem que ambos erraram e que devemos sempre assumir os nossos erros e pedir desculpa. Um deles pediu sem qualquer problema o outro não, senti que orgulho era grande e não lhe permitia dar esse passo. Conversei e voltei a conversar até que convencido lá pediu desculpa, ficando a situação resolvida. Desta forma, importa, apenas quando necessário, interferir para ajudar na resolução de conflitos, a fim de chamar os intervenientes à razão e levá-los a tomar consciências dos seus atos.

Num terceiro momento, abordamos um pouco de gramática, sendo o campo lexical (cidade) e a família de palavras (casa) os conteúdos escolhidos dando oportunidade a todos para participar. Neste instante, o uso do dicionário foi uma realidade não planificada que surgiu a pedido dos alunos como uma necessidade dos mesmos confirmarem se algumas das palavras que foram ditas pertenciam à família de palavras de casa, uma vez que as opiniões se dividiam.

Como nos diz a teoria, sabemos que as planificações elaboradas devem ser abertas e flexíveis, no sentido de ultrapassar “a ideia do currículo como algo prescritivo e sagrado, como programa a cumprir, a executar de maneira uniforme.” (Alonso, 1996, p. 12), ou seja, o professor deve apenas traçar possíveis rumos/atividades que podem ser modificadas a qualquer momento, visto que os alunos são tomados como seres ativos na própria aprendizagem sobre a qual devem atribuir significado, logo o professor deve ter em conta todas as sugestões e opiniões do aluno. Assim, como nos diz Alonso (1996) a aprendizagem significativa possibilita ao aluno

estabelecer relações ou vínculos substantivos entre os esquemas de conhecimento que já se possuem e os novos conteúdos de aprendizagem, de forma a permitir a construção de um significado próprio e pessoal sobre os objectos de conhecimento. Aprender é dar sentido e significado à realidade, ou seja, compreender, relacionar e construir para poder aplicar.” (p. 40)

Assim sendo, a introdução do dicionário é um exemplo de que podemos e devemos optar por estratégias diferentes das planificadas, sempre que o aluno sentir necessidade para tal. É por isto que o carácter flexível e aberto das planificações me deixa mais descontraída e de certa forma mais segura, pois é apenas um guião que não tem nem deve ser seguido à risca, logo permite-me dar resposta às necessidades e aos interesses do aluno que surgem momentaneamente.

Além da introdução do dicionário, também o campo lexical de cidade nos permitiu uma abordagem que não estava planejada nem pensada. Esta surgiu dos interesses dos alunos, o que mais uma vez demonstra que tomamos a planificação como sendo aberta e flexível, sendo a adequação aos interesses e necessidades dos alunos uma realidade. Isto porque, ao trabalhar o campo lexical de cidade, os alunos chegaram à palavra monumento, tendo aproveitado o momento para questioná-los sobre o seu significado. Dado o entusiasmo geral em torno do tópico, registamos uma possível definição para monumento, dada por um aluno, bem como o nome de alguns monumentos da nossa cidade. Estava aqui aberta, de forma natural, seguro e sólida, a questão geradora “Que monumentos existem na nossa cidade?”.

Neste seguimento, registamos como trabalho para casa, a procura de outros monumentos da nossa cidade, para que, no próximo dia, pudessem escrever uma composição onde falassem sobre a nossa cidade, tal como o rato falava da dele. Desta forma, abordariam um dos monumentos que já visitaram ou que gostavam de visitar, tal como aconteceu. Esta foi uma composição a pares e ainda que tenhamos estipulado tempo para a sua elaboração, este acabou por ser ultrapassado, pois não havia outra solução se não essa. Isto porque calculamos mal o tempo para fazer a composição, que também incluía analisar e selecionar a informação das pesquisas realizadas e acordar o que ambos iriam falar. O que de certa forma acaba por ser uma aprendizagem ao nível da duração, ou seja, começamos a ter uma maior noção e perceção do tempo que os alunos demoram a realizar determinada tarefa.

Contudo, além do fator tempo, o conteúdo da composição também ficou um pouco aquém do que era esperado, pois não explicitamos claramente os objetivos da atividade, o que mostra a importância de o fazer, para que esta seja realizada com sucesso e para que vá ao encontro do que estava planejado.

A segunda atividade, e agora ligada à matemática, tinha como principal objetivo abordar os polígonos, ou seja, um conteúdo novo a ser lecionado nesta semana. No entanto, o facto de termos de incluir os polígonos no projeto constituiu um desafio, mas que por outro lado me deu um gozo extra. Desta forma, para abordar os polígonos em simultâneo com o projeto, utilizamos o geoplano e o data show, o que nos permitiu dois momentos bem diferentes, mas ambos interessantes.

Num primeiro momento distribuimos o geoplano e permiti-mos uma exploração livre, para de seguida questionar os alunos acerca do que fizeram. Neste sentido, mostraram os “desenhos” que construíram no geoplano e alguns falaram sobre os mesmos, no sentido de

pensarem nas figuras geométricas que usaram e de distinguírem essas figuras quanto ao número de lados e ao tipo de retas que as constitui. Como só mostraram figuras com segmentos de reta, questionei-os: “Mas será que não podemos construir figuras curvas?”, à exceção de dois alunos, todos disseram que não. Os dois alunos voltaram a tentar, para comprovar o que tinham dito, mas sem sucesso, concluindo assim que o geoplano só nos permite fazer segmentos de reta. Este momento permitiu explorar as figuras planas de forma diferente do que é habitual, sendo notório o entusiasmo e o empenho em construir e desconstruir figuras. Aqui a introdução de um novo material foi sem dúvida uma ótima estratégia, pelo que mais uma vez aprenderam e brincaram ao mesmo tempo.

Num segundo momento, apresentamos um power point, usando o data show. Desta forma, começamos por apresentar e analisar diferentes polígonos (n° de lados, segmentos de reta, linhas paralelas e perpendiculares), à medida que íamos devolvendo o nome atribuído a figuras com 3,4,5 e 6 lados, sendo que, sempre que aprendiam uma palavra nova, escrevia-a no quadro e recapitulava as restantes. De seguida, referimos que o conjunto das figuras analisadas formam um grupo, mas como ninguém sabia o nome, ajudamos, ao murmurar uma sílaba, e logo chegaram à palavra “Polígono”.

Após este momento confrontámo-los com outras figuras compostas por linhas curvas e algumas linhas abertas e mais uma vez questionei-os: “E estas também serão polígonos?” Após debaterem um pouco, chegaram à conclusão que não, porque tinham linhas curvas. Voltei a questioná-los: “Então e esta? (uma linha em forma de M) não tem linhas curvas! Será que lhe falta alguma coisa?”, ficaram pensativos e depois de observarem bem concluíram que não era um polígono porque não era fechada. Neste sentido coloquei uma nova questão: “Mas então o que são polígonos?”, ao qual me responderam com uma definição simples, mas correta, curiosamente parecida com a definição do manual, a qual mostrei num novo slide e a qual constataram que estava incompleta, pois tinham atribuído mais características ao polígonos e que podiam aparecer na sua definição, tendo-a, assim, completado. Isto mostra que para um ensino completo e mais rigoroso, é necessário recorrer simultaneamente a diferentes materiais que se completam mutuamente. É por isto que os professores se devem libertar “do domínio dos manuais, como reguladores do ensino, dando lugar a um maior controlo sobre as suas práticas” (Alonso, 2002, p. 79), a partir da construção e do uso de materiais que lhes permitem diversificar as atividades e as estratégias, algo que se torna impossível com o uso restritivo do manual.

Como um dos objetivos seria introduzir o projeto no conteúdo a lecionar, questionámo-los sobre a presença de polígonos e não polígonos nos monumentos da nossa cidade, monumentos esses que já eram conhecidos dos alunos, por terem sido abordados na realização da composição. Desta forma, obtivemos uma resposta muito curiosa de um aluno “Sim, as figuras geométricas estão por todo o lado”, esta frase mostra que o aluno sabe que tudo o que vemos tem uma forma geométrica, tendo já adquirida essa noção.

Desta forma, partimos então para os monumentos sendo que o aluno referido anteriormente foi o 1º a ir ao quadro mostrar a presença de polígonos nos monumentos, isto porque, uma vez que estávamos a projetar para o quadro, permitimos que alguns alunos se dirigissem ao mesmo, para “passarem por cima” dos polígonos presentes nos monumentos. Esta foi uma estratégia que gerou um entusiasmo geral, todos se concentraram, empenharam e queriam descobrir todos os polígonos possíveis que existiam nos monumentos. O facto de poderem traçá-los no quadro foi uma ideia que lhes agradou imenso, tendo contribuído para a motivação extrínseca do grupo. Infelizmente, o tempo que restou já era pouco e só tivemos tempo de abordar 2 dos 3 monumentos, isto aconteceu por nos termos alongado um pouco anteriormente, dadas as dúvidas que iam surgindo num conteúdo que era novo para os alunos. Ainda que a ideia tivesse sido transmitida, deveríamos ter aproveitado mais o entusiasmo e o impacto atrativo que este momento foi capaz de criar, constituindo assim uma aprendizagem para mim, a importância de dar maior ênfase a atividade mais práticas, onde o contributo do aluno ultrapassa a barreira da oralidade.

No decorrer da atividade é notória a quantidade de vezes em que coloquei questões ao grupo, no sentido de desencadear conflitos cognitivos, levando-os assim a pensar e a desenvolver a capacidade de raciocínio, bem como a capacidade de comunicar matematicamente, ou seja, “Os alunos devem ser incentivados a expor as suas ideias, a comentar as afirmações dos seus colegas e do professor e a colocar as suas dúvidas (...) explicando adequadamente o seu raciocínio.” (Bívar; Grosso; Oliveira & Timóteo, 2013, p.5). Com atitudes como esta, em que desafio os alunos com questões a serem debatidas, permito-lhe desenvolver de forma contínua e equilibrada “a aquisição de conhecimentos, estratégias e atitudes de aprendizagem que lhes permita enfrentar e resolver os problemas e exigências dos diferentes âmbitos da realidade” (Alonso, 1996,p. 14).

No decorrer desta atividade, ligada à matemática, surgiram alguns momentos em que o barulho se instalava, para isso chamava a atenção, ou calava-me e cruzava os braços à espera

que se calassem, perante tal atitude, os alunos que demonstram uma motivação intrínseca, que “nasceram motivados para a aprendizagem” (segundo afirma a professora), começavam a pedir aos outros para se calarem. Futuramente, irei continuar a usar a estratégia, além de expor o quanto estas situações prejudicam os outros, ou seja, aqueles que querem estar atentos e fazendo-os ver que existem momentos para tudo, inclusive para conversarem mutuamente.

Por fim, posso concluir que me senti o verdadeiro “peixe dentro de água”, senti que as coisas fluíram naturalmente, com a ideia presente de uma aula planificada com possíveis rumos, como aconteceu nesta semana, isto porque não sabemos as perguntas, as dúvidas e as opiniões que os alunos vão colocar. Planificar é ter possíveis caminhos e não caminhos certos. As planificações ajudam-me a saber o que vou fazer, como vou fazer e quando vou fazer, a atribuir sentido e significado a tudo aquilo que faço, como faço e porque o faço, além de me permitirem planificar e aperfeiçoar, à medida que vou pensando na atividade, bem como nos prós e contras que alguns caminhos poderão ter. Contudo, e como referi, o tempo ainda é uma dificuldade constante, pela pouca noção que ainda temos, mas que nos permite melhorar, pois vamos comparando o tempo planificado com o tempo real em que decorreu a atividade, no sentido de poder melhorar e de refletir sobre o porquê de termos ultrapassado esse tempo.

Para finalizar, importa ainda referir que a professora cooperante contribuiu com o seu feedback sobre as atividades e que realmente não poderia ter sido melhor, tendo afirmado as ótimas e atrativas ideias que vamos colocando em prática, bem como a boa planificação das mesmas. Contudo, apenas apontou duas dificuldades a serem melhoradas, a dificuldade em compreender exatamente as dúvidas dos alunos e a dificuldade em “tomar a turma toda”, ou seja, não deixar que um ou outro se distraída. No entanto, também afirmou que estas são dificuldades que serão melhoradas ao longo da vida, à medida que vamos adquirindo experiência. Sem dúvida que o feedback da professora é um instrumento “orientador, estimulador e regulador” (Alarcão & Roldão, 2008, p. 31) da prática profissional, que nos ajuda a tomar maior consciência dos erros a melhorar bem como de todas as coisas positivas que consegui.

Documento nº 8

No decorrer da semana que passou começamos a realizar o livro acerca dos monumentos da nossa cidade, uma ideia que motivou a turma e que foi bem aceite pela

mesma. Esta ressaltou o valor das atividades e do resultado final, para expor à comunidade escolar, a fim de ser visto como os “fantabulásticos”, tal como se definiram.

A atividade, diretamente ligada ao Português e ao Estudo do Meio, teve como principais objetivos recolher informação sobre o monumento escolhido por cada um, a fim de selecionarem o mais importante para poderem construir um texto criativo sobre o mesmo. Com este pretende-se que os alunos conheçam um pouco de um monumento, no sentido de partilharem as informações, no final, para enriquecerem a sua cultura no que diz respeito ao património histórico da nossa cidade. Contudo, enquanto uns elaboraram o texto com o meu apoio, outros realizaram a pesquisa com a minha colega, pois não tinha meios para tal em casa. Por outro lado, constatamos que aqueles que trouxeram o “trabalho de casa” feito, ou seja, a pesquisa, já conseguiam sublinhar, selecionar e organizar melhor as ideias essenciais, talvez por terem um guião do que seria mais importante abordar e por trabalharem nesse sentido, em atividades anteriores. Desta forma, conseguimos um pequeno ganho no que respeita a aprendizagens relacionadas com a análise de pesquisas.

No final da elaboração do texto, e para nosso espanto, duas alunas da turma informaram-nos de que tinham trocado os textos, tendo como finalidade corrigir os erros ortográficos uma da outra, segundo as mesmas, esta foi uma atividade muito “gira” e sugeriram que os colegas também o fizessem. Assim, e com base na ideia de que as planificações devem ser abertas e flexíveis, sugerimos a ideia à turma, que também gostou e concordou. Após a correção realizada por nós, compreendemos que esta será uma estratégia bem adequada, pois os alunos detetam quase todos os erros dos colegas, desde erros ortográficos a acentos, bem como incorretas construções frásicas, o que de certa forma lhes permite melhorar, dada a atenção que os alunos depositaram na leitura, para que nenhum erro escapasse, desta forma, os alunos sentiram-se responsáveis pela correta correção dos textos dos colegas, além de contribuir para a evolução do próprio aluno, quer na construção frásica, como na própria escrita.

Esta atividade correu de forma adequada, verificando um empenho e uma concentração por parte dos alunos, essencial a uma atividade individual, que exigia algum esforço por parte dos mesmos, a fim de concluírem um texto bem elaborado e com as informações mais significativas. Por fim, importa referir que o texto será reconstruído no formato word, introduzindo assim a utilização das TIC.

No final da elaboração dos textos, iniciarem o desenho relativo ao monumento de cada um, numa folha de papel de vegetal, a fim de diversificar o material a utilizar, que suscitou um

entusiasmo geral e ao mesmo tempo um medo de errar, levando alguns alunos a realizar um esboço e só depois passaram para o papel vegetal. No decorrer da atividade, circulei pela sala, a fim de apoiar e ajudar os alunos a desenhar pequenos pormenores que não conseguiam mas que queriam fazer, ainda que tivéssemos esclarecido que não necessitava sair dali uma “obra de arte”, para que também não se sentissem pressionados.

Contudo, a construção do livro será concluída na última semana, uma vez que não disponibilizamos de tempo suficiente para tal e na semana que se segue os alunos têm as provas de final de período e as respetivas revisões.

Enquanto futura profissional, estas duas atividades contribuíram para o meu à-vontade no espaço sala, sendo que me senti capaz de auxiliar todos os alunos que me solicitavam para tal, demonstrando-lhes a minha disponibilidade para os ajudar, além de os incentivar, relembrando, sem “tentar rotular”, pois

a precepção que os alunos fazem do professor, fará com que interpretem essas propostas de uma ou de outra maneira. Para o sentido que uns e outros atribuem ao que devem fazer intervém não só a imagem que cada qual tem de si mesmo mas também a imagem que tem do seu interlocutor (Solé, 2001, p. 41),

de que eram capazes de o fazer, “tentando” ser positiva, fosse um aluno com muitas ou poucas dificuldades. Isto porque,

Nas representações que os alunos formam sobre os professores, têm um papel muito importante os factores afetivos: a disponibilidade revelada em relação ao aluno, o respeito e afeto que lhe transmitimos, a capacidade de nos mostrarmos acolhedores e positivos constituem eixos em torno dos quais os alunos constroem uma representação dos professores” (Solé, 2001, p. 41)

no entanto, em cima referi o “tentar”, pois “Saber que ocorre não basta para o evitar, mas faz com que sejamos cuidadosos, especialmente nos casos em que as apreciações não são muito positivas.” (Solé, 2001, p. 40), algo que sei o quanto pode influenciar na aprendizagem do aluno, bem como a imagem que eles constroem de mim, logo tentei ser o mais neutra possível nos comentários que realizava.

Além disso, ao circular pela sala, apercebi-me de várias situações que mostram a evolução dos alunos, desde uma correta seleção da informação mais importante, compreendendo aquela que não era útil para o objetivo do trabalho e a importância de elaborarem um texto bom, pois ainda que alguns tivessem muitas informações importantes, não entregavam os textos sem que toda a informação elegida estivesse presente.

Assim, considero que esta tenha sido uma atividade que permitiu estimular e motivar os alunos, uma vez que tomaram a atividade como algo fantástico, que lhes permitirá serem os

melhores, contribuindo assim para a motivação intrínseca dos alunos. Isto porque, segundo Tapia & Montero (1990, citado por Solé, 2001, p. 38), estes já chamavam a atenção

para o facto de a meta perseguida pelo sujeito intrinsecamente motivado ser “a experiência do sentimento de competência e autodeterminação, sentimento que se vive na própria realização da tarefa e que não depende de recompensas externas” (o que seria próprio da motivação extrínseca).

No decorrer desta atividade envolvi-me completamente, senti que mais do que uma estagiária, era assumidamente uma professora presente na sala, daquelas em quem eles confiam plenamente, e a qual solicitavam sempre que tinham dúvidas, não colocando em causa, nem em dúvida o meu trabalho. Esta aceitação da turma, perante a minha pessoa e o meu trabalho, é muito importante, pois além de influenciar positivamente a forma como eu sou enquanto professora da mesma, permite-me agir e mediar as ações livremente, sem um sentimento de incapacidade.

Assim, sendo que

O autoconceito aprende-se ou, se quisermos, forja-se no decurso das experiências da vida; as relações interpessoais, em especial as que se prendem com “outros significantes”, constituem os fios com os quais se tece a sua visão a partir da interiorização das atitudes e percepções que esses outros têm a seu respeito, de modo que as atitudes vividas na relação interpessoal vão criando um conjunto de atitudes pessoais em relação a si própria. Assim, cada qual acaba por se considerar simpático ou enfadonho, diligente ou preguiçoso, com mau aspeto ou atraente, por ser isso que os outros, muitas vezes de forma totalmente inconsciente, lhe transmitem. (Solé, 2001, p. 39)

posso afirmar, seguramente, que os alunos e a opinião que eles formam de mim, enquanto futura profissional, contribuem, em larga escala, para a imagem que vou idealizando sobre o meu “eu profissional”, sobre a minha identidade profissional, ou seja, o sentimento de segurança que a turma transmite sobre o meu trabalho, a vontade que demonstram em trabalhar comigo, assim como a motivação que transmitem nas atividades conduzidas por mim, são fatores determinantes que contribuem para a construção do meu auto-conceito profissional e para a valorização da minha auto-estima profissional. Tudo isto porque, segundo Fierro (1990, citado por Solé, 2001, p.39) O autoconceito

inclui um amplo conjunto de representações (imagens, juízos, conceitos) que formamos acerca de nós próprios, e que englobam aspetos corporais, psicológicos, sociais, morais e outros. Pode-se referir ao indivíduo globalmente entendido, ou então a alguma dimensão ou aspeto concreto. O autoconceito diz respeito ao conhecimento de si mesmo, e inclui juízos valorativos denominando-se então auto-estima.

Concluindo, todas as percepções e ideias que vão formando sobre o meu eu profissional, as quais transmitem de uma ou de outra forma, farão com certeza parte do meu autoconceito e

elevarão ou não a minha auto-estima, remeto-me aos alunos mas também à professora titular de turma, a qual já contribui com opiniões que me fazem compreender como eu sou ou tenho sido enquanto futura profissional. Desta forma,

quando alguém pretende aprender e aprende, a experiência vivida oferece-lhe uma imagem positiva de si mesmo e fica reforçada a sua auto-estima, o que sem dúvida, constitui uma boa bagagem para continuar a enfrentar os desafios que lhe surjam. O auto-conceito que é influenciado pela forma como decorreu o processo e pelos resultados obtidos na situação de aprendizagem influi, por sua vez, sobre a forma de encarar essa mesma situação, (Solé, 2001, p. 38)

bem como sobre os comportarmos, a forma como interagimos e a forma de estarmos no mundo. Neste sentido, tal como os alunos, e sendo eu um aprendiz da profissão, ou se quiserem uma aluna ainda acorrentada aos ganhos ou perdas iniciais da experiência, é essa mesma experiência que me irá permitir modelar a minha autoestima e o meu autoconceito, bem como a fora como irei intervir no meio.

Documento nº 9

No decorrer da semana que passou iniciamos as atividades que dão resposta à segunda questão geradora “Que mudanças ocorreram na nossa cidade? – Uma viagem entre Bracara Augusta e Braga.”.

A 1ª atividade realizada consistiu na leitura e exploração de uma história designada “Titus e os Legionários”. Esta foi escolhida como forma de preparar os alunos para a visita de estudo a realizar no dia seguinte, uma vez que abordava alguns aspetos e locais da cidade de Bracara Augusta. Após a leitura, explicitiei algumas palavras em latim contidas no texto, sendo que em alguns casos levei os alunos a tirar o significado pelo sentido da palavra. Além disso, tentei não analisar todos os pormenores, nem esclarecer as dúvidas por completo, no sentido de aguçar a curiosidade para a visita de estudo, e para o que lá podiam aprender e descobrir.

Quanto à exploração da história, esta originou um momento mais descontraído, passando pelo reconto e por algumas questões sobre a mesma, numa tentativa de não tornar o momento maçador, numa semana cansativa em que realizaram as fichas formativas. Contudo, foi no decorrer deste momento que coloquei uma questão: “Como é que Otávio comunicou a sua vinda? Porque não o fez por telefone?”, o que levou a turma a dialogar sobre os diferentes meios de comunicação antigos e recentes. Assim, dada a aguçada curiosidade e o interesse que o assunto suscitou na turma, abrimos uma nova questão a abordar no nosso projeto “Que tipos de meios de comunicação existiram? Da pedra ao telefone.”. Desta forma, estamos também a

valorizar a importância do Projeto Curricular Integrado como sendo flexível, uma vez que no meio do mesmo, acrescentamos uma questão que adveio de um interesse dos alunos, enquanto seres ativos da própria aprendizagem.

Nesta 1ª atividade, apesar de cansados pela semana que tinham tido, tal como já referi, penso que consegui captar bem a atenção do grupo, com uma história interessante e repleta de curiosidades, que nos permitiu uma pequena viagem por Bracara Augusta. A informalidade com que fiz a abordagem à história, também ajudou os alunos a descontraírem, mantendo-se atentos e participativos.

Após este 1º momento, e sabendo que as regras são importantes, na medida em que nos acompanham ao longo da vida, levei o grupo a definir as regras fulcrais à visita de estudo, ou seja, regras a ter no museu e no próprio trajeto percorrido pelos alunos, que no caso seria de autocarro. Depois de defini-las, enquanto uns folhearam o livro do “Titus e os Legionários”, outros registaram-nas numa cartolina. Para minha surpresa, uma vez que este era um grupo grande (14 elementos), conseguiram escrever as regras, sem barulho, sem grande confusão e sem necessitarem da minha ajuda. Souberam-se organizar e decidir quem escrevia o quê, talvez por saberem exatamente a tarefa que tinham. No final, questioneei, como fizeram para que todos escrevessem sem desencadearem conflitos, ao qual um dos alunos me respondeu “Entramos em acordo, ao conversar uns com os outros”.

No dia que se seguiu tivemos a tão esperada visita de estudo ao Museu D. Diogo de Sousa e às Termas Romanas do Alto da Cidade, que foi completamente preparada por mim, desde a marcação da visita, ao transporte. Assim, entrei em contato com as entidades responsáveis, marquei o dia que melhor se ajustava à turma e ao próprio Museu/Termas, passando de seguida à requisição do transporte, pois se chovesse teríamos de ir a pé. Para isso fiz um ofício, o qual foi entreguei na Câmara Municipal de Braga, e no dia anterior à visita fui à TUB buscar o passaporte, para podermos ir nos transportes comuns que circulam pela cidade, sendo esta a única forma para não ir a pé. Assim, tentei sempre mover-me no sentido de resolver todas as situações necessárias para que tudo corre-se pelo melhor, bem como pensar de forma inteligente em cada pormenor, isto porque

El desarrollo de una competencia es una actividad cognitiva compleja que exige a la persona establecer relaciones entre la práctica y la teoría; transferir el aprendizaje a diferentes situaciones, aprender a aprender, plantear y resolver problemas y actuar de manera inteligente y crítica en una situación. (Gonczy, 2001, citado por Tejada-Fernandéz, 2007, p.4).

No próprio dia, a professora titular deixou que fosse eu a falar com o motorista e a mostrar o passaporte, bem como a assinar todo e qualquer papel necessário no final da visita de estudo no Museu e nas Termas. Todo este processo pelo qual passei no decorrer da visita de estudo, permitiu-me compreender mais e melhor as etapas pelas quais passamos ao organizar uma saída ao exterior aproveitando assim o momento para realizar aprendizagens, pois “los futuros profesores son los auténticos responsables de su formación, controlando su dedicación, dirigiendo sus esfuerzos y manejando las situaciones a las que se enfrentan, de manera que se conviertan en oportunidades para aprender a enseñar.” (González- Sanmamed, 1994, citado por González-Sanmamed & Fuentes-Abeledo, 2011, p. 59)

Desta forma, no que respeita à preparação de visitas de estudo e a toda a burocracia que estas implicam, afirmo que alarguei o meu conhecimento profissional, entendido como

una construcción que se nutre de diversas fuentes (experiencias de vida, de formación académica y de socialización profesional), que se reelabora y resignifica gradualmente, en cada uno de los espacios por los que el sujeto transita, y su cambio y transformación se ve especialmente motivado por experiencias cargadas de sentido para el sujeto particular y los grupos de los que participa. (Viscaíno, 2008, p.3)

ou seja, com esta experiência e com a ajuda da professora titular, realizei novas aprendizagens dotadas de sentido e que certamente me serão muito úteis no exercício da minha futura profissão. Perrenoud (1997) refere ainda que “toda a formação inicial contribui, pela sua simples existência, para a construção de uma identidade profissional, quanto mais não seja ao criar solidariedades, um “espírito de corpo”, uma cultura comum quanto aos valores, mas também e sobretudo pelos modos de falar, raciocinar, colocar e resolver os problemas (p.184).

Além do que referi, senti a verdadeira azafama de que falam os professores quando realizam saídas ao exterior, pessoalmente senti uma pequena adrenalina que muitos poderiam considerar como sendo a minha inexperiência ou até mesmo o desconhecido, mas pelo contrário, associo-a à responsabilidade depositada em mim como sendo “a responsável pela visita” e à vontade incontável de “dar o mundo” aos “meus” alunos, de lhes mostrar as tantas oportunidades “espalhadas por aí” que nos ajudam a conhecer e a descobrir mais sobre os nosso antepassados. Assim, terá o professor nas mãos a chave do sucesso? Eu penso que sim, basta saber optar como e quando usá-la, pois com ela é capaz de abrir horizontes, abrir novas oportunidades que irão mover os alunos para a descoberta.

No decorrer da própria visita, os alunos mostraram-se atentos e muito curiosos sobre o que a guia lhes permitia descobrir acerca de cada objeto observado, tendo em conta que colocavam questões pertinentes, sempre que tinham dúvidas, esperando sempre pela sua vez

de falar. O entusiasmo, sempre que viam algo incomum do dia a dia dos povos, era bem notório. De realçar que as regras estabelecidas foram cumpridas no decorrer da visita, sendo que o comportamento da turma foi bastante positivo e até mesmo exemplar. Esta foi organizada, dada a importância de diversificar as metodologias de aprendizagem do aluno, permitindo-lhe uma oportunidade para se desenvolver, contribuindo para a construção de aprendizagens significativas, sendo eu um mero mediador que irá facilitar o processo de ensino aprendizagem, a partir de atividades enriquecedoras e que ultrapassem o método tradicional, ou seja, o professor

não é mais o detentor do conhecimento como estabelecido no modelo tradicional, ele é o facilitador ou mediador do processo de ensino aprendizagem, fazendo com que ele exerça uma prática reflexiva e desenvolva outras competências, às vezes dificultadas no currículo tradicional, fazendo com que o aluno desenvolva e tenha autonomia, somando a reflexividade de suas ações, tornando-se então profissional com conhecimentos integrados e cidadão formador de opiniões na sociedade atual. (Valente & Medeiros, 2010, p. 8)

Após a visita de estudo, e já na sala de aula, dialogamos, em grande grupo, sobre as aprendizagens realizadas na visita, e que por sinal foram bastantes, avaliando tudo o que eles referiram no decorrer do diálogo. Estas aprendizagens foram registadas em formato de desenho numa cartolina, sendo que a turma foi dividida em grupos de quatro alunos, a escolha de grupos coube a um dos elementos do grupo escolhido por nós, permitindo-lhes uma liberdade de escolha e um poder de decisão, motivando-os, dada a possibilidade de trabalharem com os colegas mais próximos. Contudo, alertamos para o cumprimento das regras do trabalho de grupo, expostas na sala, e para a oportunidade que demos de escolherem os grupos, algo que nos pediam à algum tempo. Por fim, estipulamos o tempo que teriam para realizar o trabalho, tendo sido mais rígida, frisando que não daríamos mais tempo, o que os levou a trabalhar e a não perder tempo com brincadeiras.

Como objetivo do trabalho, cada grupo tinha de planificar o que seria desenhado por cada elemento, e de seguida os elementos teriam de tentar desenhar todos ao mesmo tempo. Desta forma, foi curioso observar a dinâmica dos grupos, que trabalharam cooperativamente, à exceção de um ou de outro aluno que não contribuíam com tantas ideias, ainda assim, a proposta foi adequada sendo que o grupo se empenhou na elaboração do trabalho, cooperaram, fizeram o máximo silêncio possível, ou seja, cumpriram as regras estabelecidas. Além disso, foi interessante observar a forma como desenharam, sendo que todos os grupos desenharam em torno da cartolina, logo teriam de a rodar para ver todas as imagens, à exceção de um grupo em que desenharam 2, e os outros 2 iam dando sugestões, e enquanto pintaram, os outros

desenharam, curiosamente, foi o 1º grupo a terminar. No final apresentaram os trabalhos à turma.

Após todo este trabalho, avalei os desenhos e as legendas que cada um colocou no seu desenho, compreendendo que numa simples visita, permiti-mos aos alunos realizar uma quantidade de aprendizagens que lhes permitiu saber mais sobre o passado da nossa cidade.

Desta forma, sendo que “a reflexão é considerada como promotora do conhecimento profissional, porque radica numa “atitude de questionamento permanente – de si mesmo e das suas práticas – em que a reflexão vai surgindo como instrumento de auto-avaliação reguladora do desempenho” e geradora de novas questões” (Alarcão & Roldão, 2008, p.30), estas permitem-me atribuir cada vez maior significado às minhas aprendizagens e ao meu percurso profissional, além de me ajudarem a ajustar as minhas práticas, no sentido de poder melhorar, ou seja, ao refletir, estou a construir significados das aprendizagens, compreendendo onde melhorar e porquê melhorar, alargando e ajustando assim os meus conhecimentos profissionais.

Assim, um bom profissional mobiliza “um capital de saberes, de saber-fazer e de saber-ser que não estagnou, pelo contrário, cresce constantemente, acompanhando a experiência e, sobretudo, a reflexão sobre a experiência” (Perrenoud, 1997, p.186), ou seja, ao misturar a prática com a reflexão, irei mobilizar e adquirir conhecimentos que me permitem saber, saber fazer e saber ser perante cada situação concreta. Desta forma, tenho construído uma parte da minha identidade profissional com a experiência, ou seja, “no exercício concreto da prática profissional em interação permanente com outros profissionais” (Santos, 2005, p.132).

Documento nº 10

Naquela que foi a última semana de estágio, os alunos concluíram mais uma parte do livro dos monumentos. Desta vez, recortaram os textos e colaram-nos nas cartolinas, assim como os desenhos que fizeram em papel vegetal. Finalizado este momento ligado à expressão plástica, dialogamos com a turma acerca do título, para o qual deram algumas sugestões que foram posteriormente a votos. De seguida, levámo-los a pensar quais os elementos que faltavam para completar o livro, tendo assim chegado aos autores, ilustradores, editora e data, tendo usado os próprios livros para verificar onde se encontravam estas informações (contra capa).

Por fim, referiram a falta da capa, e alguns materiais com os quais a podemos fazer (algo que será feito no início do próximo período) e que este estaria ordenado “do mais antigo para o mais recente”, ideia para a qual referimos a construção de um friso cronológico. Com

isto, relato a importância dos alunos contribuírem com as próprias ideias e opiniões para a elaboração de materiais, no sentido de os sentirem totalmente como sendo seus.

Após o livro, passamos novamente para a continuação das atividades em torno da segunda questão geradora, com a elaboração de uma notícia sobre a visita de estudo realizada pela turma. Inicialmente, os alunos, a pares, redigiram uma notícia com base nos conhecimentos prévios de que dispõem. Nesta notícia deveriam redigir o que viram, o que foi mais marcante, entre outras informações que considerassem relevantes, a fim de verificarmos as principais dificuldades a serem trabalhadas, para posteriormente reformularem a notícia. Esta foi uma atividade adequada, uma vez que os alunos depositaram nela uma concentração e um empenho quase que natural, uma vez que era notória a vontade que depositaram para elaborarem bem um trabalho que iria para o jornal da escola. Além disso, os pares cooperaram, compartilharam ideias e completaram-se mutuamente, opinando e ouvindo a opinião contrária.

Analisamos as notícias e verificamos que, curiosamente, alguns já colocaram alguns aspectos importantes da notícia (como o lead, ainda que incompleto), desta forma as principais dificuldades recaíram essencialmente nas partes constituintes da notícia, o que nos levou a preparar atividades que lhes permitissem trabalhar esses pontos.

Num segundo momento, distribuímos um jornal por cada aluno, a fim de o manusear e observar livremente, para que pudessem trabalhar um pouco mais do que são afinal as notícias. Assim, de seguida, enumeraram alguns dos tipos de notícias que encontramos nos jornais e categorizaram-nas, como sendo nacionais ou internacionais (aproveitando a “deixa” de uma menina que referiu a existência de notícias nacionais). Por fim, e após observar bem as notícias, definiram, por palavras simples, o que era uma notícia.

Num terceiro momento, distribuímos uma notícia por cada par, selecionada por nós, a qual foi lida em silêncio, a fim de partilharem o seu conteúdo com os restantes. Por fim, questionamos acerca das partes das notícias, tendo enumerado o título e o texto, o que nos levou a referir também as breves e o 1º parágrafo do texto, ao qual damos o nome de Lead, referindo ser uma parte importante da notícia. A partir daqui os alunos foram capazes de mencionar os aspectos que tomam esta parte como sendo importante (desde dizer de quem fala, onde foi, quando foi, necessitando de ajuda para chegar apenas ao porquê, identificando de seguida a resposta a esses “questões” numa 1º parágrafo escrito no quadro). Por fim, identificaram na sua notícia, a existência de todas essas partes. Todas estas aprendizagens

sobre a notícia foram registadas no caderno da escola, para ajudarem na reconstrução da notícia.

Findo todo o trabalho em torno das notícias, cada par identificou na sua notícia as partes que a constituíam, passando de seguida para a reconstrução da notícia inicial, que foi posteriormente transcrita para uma cartolina, na qual colaram também a notícia analisada. Estas foram expostas para toda a escola, junto de um cartaz com algumas fotos da visita de estudo.

Esta foi uma atividade curiosa, pois a turma concentrou-se, participou e empenhou-se em cada atividade proposta, sendo que o pouco ruído que se fez ouvir em alguns momentos esteve diretamente ligado a questões de entusiasmo por contactarem com um suporte de leitura/escrita diferente do que estão habituados. A motivação também foi visível, talvez diretamente ligada ao facto de estarem a lecionar um conteúdo novo.

Além do que já mencionei, após comparar a notícia inicial, com a final, verifiquei a notória evolução, diretamente relacionada com as partes da notícia, e a preocupação em que nenhum ponto faltasse. No entanto, penso que terá escapado um aspeto, o de falarem na 3ª pessoa, contudo o tempo também não era muito, pois havia a necessidade de trabalhar a notícia toda até virem de férias, para que as memórias da visita não ficassem esquecidas, ainda assim se houver tempo, iremos trabalhar esse aspeto, no próximo período. Contudo, foi notório os avanços significativos que a turma fez, no geral e o gosto que sentiram pelo trabalho final, exposto para toda a comunidade escolar.

Desta forma, como professor encaminho-me no sentido de tomar o aluno como sendo capaz de pensar e refletir sobre a própria aprendizagem, pois “O professor deve ter a competência para ensinar, ou seja, ser o facilitador no processo ensinoaprendizagem.” (Medeiros & Valente, 2010, p.6), competência que pretendo modelar ao longo do tempo, a fim de tornar, cada vez mais, as minhas práticas em momentos de aprendizagem ativa e ao mesmo tempo interessante, não impondo ideias ou desvalorizando o que é dito pelo aluno, tentando manter e desenvolver diálogos, mediados por mim, e que permitem ao aluno atingir respostas a partir das próprias estratégias de pensamento. Algo que tenho feito e que pretendo continuar a fazer, para desta forma melhorar a minha prática pedagógica, assim tal como nos refere Libâneo (2009, citado por Medeiros & Valente, 2010)

O professor que tem competências promove o desenvolvimento das competências do pensar, em função do qual coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre-lhes espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos e desejos, de modo que tragam para a aula sua realidade vivida. Nisso consiste a ajuda pedagógica. (p. 6).

Além disso, Freire (1996, citado por Medeiros & Valente, 2010) refere ainda que “ensinar não é somente transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. O Professor em sala de aula deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas, sendo um ser crítico e inquiridor, inquieto perante o que lhe é apresentado.” (p. 6). Assim, enquanto professora estagiária, no decorrer das minhas práticas, tento sempre que seja o aluno a conduzir cada momento, com as perguntas e curiosidades naturais que vão surgindo, ou seja, ainda que tenha planeado um seguimento para a planificação do dia, bem como os momentos de transição, sei que nada me sairá da mesma forma, pois toda e qualquer pergunta que possa ser colocada é vista como algo a aprender e que pode mudar o rumo idealizado inicialmente. Ensinar não é de todo debitar, ensinar é poder criar diferentes oportunidades de o aluno construir o próprio conhecimento, a partir das próprias curiosidades que este vai demonstrando.

No que refere ainda a importância de adquirir uma prática integradora, tal como requer o PCI, Medeiros & Valente (2010) dizem-nos que “A prática integradora, como a própria palavra diz, deixa-nos integrar sem separar a parte do todo e o todo das partes.” (p. 8), ou seja, no decorrer da minha prática pedagógica, é possível uma integração de todas as áreas do saber, ideia que tem ganho cada vez mais força. Isto porque, à medida que vou lecionando, vou-me apercebendo de todos os conteúdos que poderia abordar, no decorrer do projeto, permitindo-me uma abordagem cada vez mais vasta, assim como o cumprimento do programa, colocando o manual apenas como recurso. Contudo, o tempo que me é disponibilizado não é assim tanto quanto o que pretendia, mas em contrapartida, consigo ter noção destes pormenores que me fazem acreditar mais e mais na importância de uma prática com o PCI como base bem sólida. Pois, segundo Medeiros & Valente (2010)

torna-se importante contar com a compreensão clara do professor acerca do currículo integrado, pois assim ele poderá se tornar um profissional mais crítico e reflexivo no seu cotidiano, fazendo com que os alunos também reflitam sobre seu aprendizado, sobre a construção do conhecimento e, deste modo, o docente poderá mobilizar-se e mobilizar o grupo de trabalho para que haja uma mudança curricular ou uma mudança na prática docente que se reflita na formação dos alunos.

Assim, ainda segundo Libâneo (2009, citado por Medeiros & Valente, 2010), esta formação (integral) permitirá ao aluno se transformar num sujeito pensante, que utilize seu potencial de pensamento por meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes e valores. Os docentes devem identificar os conhecimentos e as competências necessárias para fazer aprender nas condições propostas em sala de aula. (p.7)

Por isto, torna-se relevante que o professor aproveite todo e qualquer momento de estágio para pensar e refletir sobre as suas práticas, para poder melhorar e modelar cada vez mais o seu ideal. Desta forma, tento contrária o que nos refere Esteve (1995, citado por Braga, 2001, p.64) e seguidamente por Alves (1997, citado por Braga, 2001, p.64)

a formação inicial dos professores tende a fomentar uma visão idealizada do ensino, que não corresponde à situação real da prática quotidiana”, o que resulta numa “crise de identidade determinada pela contradição existente entre o eu real do professor (o que ele vê fazer todos os dias na aula) e o seu ideal (o que ele desejaria fazer ou pensa dever fazer)

ou seja, uma vez que na minha formação inicial me foi transmitida a importância de uma prática integrada (PCI), e ainda que no próprio estágio não me tenha deparado com esta prática integrada, mas sim com o uso restrito do manual, a vontade de querer ir mais longe e de me tornar num profissional de qualidade, não me permite cair nesta “crise de identidade” de que nos fala o autor, pelo contrário, dá-me mais força para impor as práticas que eu acredito terem mais proveito para mim, enquanto futuro docente, como também para os próprios alunos, enquanto construtores ativos da própria aprendizagem.

Neste sentido, é preciso que todo e qualquer profissional lute sempre pelos seus ideais, ultrapassando a ideia de que “a sua principal preocupação não é atingir os objetivos pedagógicos, nem lutar contra o insucesso escolar mas sim a de se esforçarem apenas o suficiente para que a instituição os deixe em paz” (Perrenoud, 1997, p.199). Desta forma, caminho no sentido de primar pela diferença, usando e abusando da inovação, para proporcionar aos meus alunos uma aprendizagem ativa, significativa e diversificada, motivando-os e contribuindo para o seu sucesso escolar, pois “todo o professor digno deste nome diferencia a sua pedagogia, luta contra o insucesso escolar, pratica métodos ativos e respeita os seus alunos enquanto pessoas” (Perrenoud, 1997, p.198).

Documento nº 11

Após o regresso das férias de Natal, iniciamos o período abrindo tudo o que tínhamos trabalhado no projeto, como forma de relembrar todas as aprendizagens que já tinham sido conquistadas. De seguida, concluíram alguns trabalhos/decisões que ficaram pendentes, tais como: a escolha da notícia que vai para o jornal da escola, recorrendo à votação e com auxílio de gráficos de barras e de tabelas de dupla entrada, introduzindo um momento relacionado com a área da matemática; a análise das maquetes realizadas nas férias de natal, com a ajuda dos pais (envolvimento parental), no sentido de relembrarem e identificarem os polígonos que

aprenderam no decorrer do projeto; e por fim a capa do livro dos monumentos

Após este primeiro momento, cada um realizou uma leitura silenciosa do texto do monumento a fim de recolher a data da sua construção, para posteriormente localizarem no friso cronológico (o qual começou já a ser construído pelas estagiárias das 3 salas incluídas no projeto, bem como 2 alunos representantes de cada sala), desta forma realizam o índice do livro e dão por concluído o livro dos monumentos. No entanto, neste momento surgiu uma boa oportunidade de integrar o Estudo do Meio com a Matemática, ou seja, uma vez que verificamos a existência de datas em numeração romana, e sendo este um conteúdo do programa do 3º ano, do período corrente, aproveitamos a oportunidade para lecionar o conteúdo.

Para lecionar o conteúdo referido anteriormente, optamos por uma estratégia (power point) diferente das que são usadas habitualmente pela professora, ainda que já tivesse sido usado por nós. No decorrer da aula tentei ser simples e prática a expor o conteúdo, para que os alunos o compreendessem facilmente. Esta minha abordagem do conteúdo, permitiu captar a atenção da turma e levá-los a uma participação ativa, sendo que colocavam questões, dúvidas e problemáticas, resposta para as quais tentava que o próprio aluno chegasse à resposta, ao desenvolver estratégias cognitivas, que lhe permitissem resolver os desafios ou pedia aos restantes ajuda para esclarecer qualquer um dos casos, atribuindo, ao aluno, a voz ativa que é esperada nos processo/metodologias de aprendizagem, numa tentativa de ultrapassar tudo o que seja tradicional. Desta forma, obtive um feedback positivo da professora que referiu “foi explicado e muito bem explicado”.

Por fim, e como forma de consolidar as aprendizagens, projetamos uma tabela de dupla entrada para o quadro, a fim de cada aluno fazer corresponder ao número árabe, o respetivo número romano. Esta atividade/estratégia foi ao encontro das expectativas e do interesse dos alunos, que tomam o conteúdo como um dos que mais interesse lhes desperta, contando também com um feedback de um aluno, que no decorrer da atividade referiu que “esta é uma maneira fixe e fácil de aprender”.

Como futura professora, posso afirmar seguramente que este foi um momento muito positivo do meu estágio. Tudo aquilo que foi abordado fluiu naturalmente, senti-me completamente à-vontade, deixei-me levar completamente pela turma e pela forma como eles se envolveram e como eu me envolvi. Como costumo dizer, senti-me muito professora, senti que a minha vida sem uma escola, uma sala e uma turma não seria a mesma coisa, senti que nasci para isto, e à medida que ia lecionando, ia percebendo que “é mesmo isto que eu quero, é

mesmo isto a minha paixão, a minha vida”.

No último dia da semana realizaram um trabalho de grupo, com o objetivo de conhecerem e compararem fotos da cidade de Braga antigamente e atualmente. Cada grupo ficou com uma foto, de um conhecido local da cidade, o qual identificaram. De seguida, foi-lhes dada a respetiva imagem antiga, a fim de as compararem, reconhecendo diferenças e semelhanças e para que a recortassem em forma de puzzle. Por fim, imaginaram como será esse mesmo local futuramente e desenharam-no, terminando com a colagem das 3 imagens pela ordem cronológica respetiva (Passado – Presente – Futuro). Estes foram posteriormente apresentados à turma.

Na atividade referida e sobre a qual obtivemos um feedback muito positivo por parte da professora, o gosto que os alunos demonstraram em realiza-la, por envolver momentos de recorte, montagem e colagem, foi notório, além de ser uma atividade que consideraram como sendo desafiante, que os estimulava. Neste momento, circulei pelos grupos, medieei, apoiei sempre que necessário, e de uma forma geral, compreendi que já fiz progressos no que respeita à noção do espaço sala, ou seja, ainda que estivesse a apoiar um grupo, não esquecia os restantes, mantendo-me atenta a tudo o que acontecia à minha volta, algo que inicialmente não conseguia fazer e que mencionei nas primeiras reflexões. Isto é, após dias, meses, horas, minutos e segundos a interagir com toda uma turma, num mesmo contexto, aplicando práticas e estratégias de ensino diversificadas e adequadas às características do grupo, refletindo e criticando as minhas próprias práticas, no sentido de melhorar dia após dia, o que me leva hoje a compreender que, a **multidimensionalidade**, a **simultaneidade** e a **imediaticidade**, três das características referidas por Doyle (1986, citado por Ferreira & Santos, 2007, p.37) que em muito influenciam o comportamento dos professores e dos alunos, fazem hoje parte da “minha sala” influenciando-me pela positiva, pelos progressos que já conquistei. Como nos refere Lisboa (2005) “A formação inicial é a base da construção da profissionalidade. Durante esta formação adquirimos os conhecimentos basilares para podermos desempenhar corretamente a docência, mas tomamos também conhecimento de quais as características mais importantes para poder vir a ser um professor de qualidade.” (p.29)

Neste sentido, isto só vem comprovar mais ainda que a prática é realmente muito decisiva para a minha formação, pois é na prática que posso testar as minhas capacidades, compreendendo os meus medos e as minhas lacunas, e acima de tudo compreender até que ponto eu progredi no desempenho das minhas funções, atendendo sempre ao que a teoria nos

revela. Isto porque, nem sempre tudo aquilo que observamos será exemplo ou modelo, partimos sempre desse princípio, mas após confrontar essa observação da realidade com aquilo que é a teoria, e com os valores e as aprendizagens que nos foram transmitidas no decorrer do percurso académico, constatamos que num primeiro momento somos confrontados com a teoria Vs. a realidade e dá-se aquilo a que muito autores dão o nome de **choque da realidade**, ou seja, no momento da prática deparamo-nos com metodologias que em nada se revêm com o que a teoria nos diz. Assim, segundo Esteve (1995, citado por Braga, 2001) e seguidamente por Alves (1997, citado por Braga, 2001)

a formação inicial dos professores tende a fomentar uma visão idealizada do ensino, que não corresponde à situação real da prática quotidiana”, o que resulta numa “crise de identidade determinada pela contradição existente entre o eu real do professor (o que ele vê fazer todos os dias na aula) e o seu ideal (o que ele desejaria fazer ou pensa dever fazer) (p.64)

Por isso,

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. (Nóvoa, 1954, p.16)

Desta forma, cabe ao próprio aluno futuro professor, traçar os seus próprios objetivos, e compreender o que quer ser enquanto professor, ou seja, procurar uma identidade profissional que o caracterize e que seja pelos melhores motivos, desde a utilização de metodologias a estratégias de resolução de problemas inovadoras. É neste sentido, que friso a ambição que me move, a ambição que me leva a querer chegar sempre mais longe e a não me contentar em seguir aquilo com que me deparo na realidade e com aquilo que pode parecer o mais fácil, pois o mais fácil nem sempre é o mais correto/adequado.

Por outro lado, importa ainda referir que o medo e a incerteza que sentia inicialmente perante o momento de lecionar começaram a “derreter-se”. Isto porque, como qualquer pessoa, também tive os meus momentos menos bons, no decorrer destes 3 meses, desde crises de ansiedade a dúvidas sobre as minhas capacidades. No entanto, todas elas foram desaparecendo, não só pelo maravilhoso acolhimento por parte da turma, que depositou em mim confiança, como por parte da professora cooperante que sempre contribuiu com os seus feedbacks e desabafos motivadores que me levavam a crer que tudo na vida é possível, mesmo o que parece ser impossível.

Assim, inicialmente quando pensava na possibilidade de começar a intervir, isso

assustava-me, não sabia se iria ser capaz, não sabia se iria estar à altura da turma e das dúvidas que pudessem colocar. Mas a integração foi-se dando tão delicadamente, de uma forma quase tão natural e simples que o meu à-vontade foi aumentando cada vez mais, as minhas dúvidas começaram a evaporar-se e a vontade de “assumir” a turma era cada vez maior, tirar dúvidas e explica-las era quase que um momento sagrado para mim, comecei a sentir o verdadeiro saber do ensino. Foi assim que começamos então a intervir e no momento de lecionar a numeração romana, que menciono nesta reflexão e que acontece já perto do final da prática, posso afirmar com todas as certezas de que me senti na minha praia. Expliquei, voltei a explicar, tirei dúvidas, interagi, fui capaz de criar uma dinâmica deliciosa dentro da sala e muito “gabada” pela professora titular de turma, o que me dava um gozo ainda maior.

Concluindo, é importante ter em mente de que a formação não se constrói por acumulação, mas sim por uma reflexão contínua (critico-reflexiva) sobre as práticas, no sentido de mudar cada vez mais a minha identidade pessoal. E é tão verdade que sou capaz de afirmar que do 1º dia de estágio, até ao momento, a minha capacidade de reflexão cresceu de tal forma, que me permite, cada vez mais, compreender o que faço e não faço corretamente. Mas também sei que em muito o devo à professora Lurdes, por muito ter exigido e por me ter feito derramar algumas lágrimas, pois criaram o impacto desejável e fizeram-me parar para pensar e compreender onde estava a errar, logo fui aperfeiçoando a minha reflexão tanto e tão bem (pelo menos melhor do que no início) sobre o que faço, como faço e para que o faço, possibilitando-me crescer na profissão.

Isto porque, o professor deve ser capaz de refletir e criticar sobre o que faz e como faz, a fim de avaliar e compreender o que terá de mudar, no sentido de se adaptar às necessidades do grupo (investigar). Assim, este não deve estagnar no tempo, o professor é um constante aprendiz, que faz, refaz, aprende, experimenta, inova, no sentido de proporcionar aos seus alunos uma aprendizagem ativa, significativa, completa, e que os motive intrinsecamente. Como nos refere Nóvoa (1954)

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. (p.16)

Concluindo, a formação não se constrói por acumulação, mas sim por uma reflexão contínua (critico-reflexiva) sobre as suas práticas, no sentido de mudar cada vez mais a sua identidade pessoal. O professor deve ter em conta que a sua profissão não consiste apenas em

mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas, também, numa constante produção de saberes, tomando a formação como um processo interativo e dinâmico nas relações professor-aluno e professor-professor, onde assume um papel de formador e de formando.

Documento nº 12

Iniciamos mais uma semana de estágio a dar resposta à terceira e última questão do projeto “Que meios de comunicação existem/existiram?”, que surgiu do interesse manifestado pela turma, na leitura do livro do “Titus e os Legionários” (2ª questão) sobre a carta que nele se falava. Desta forma, começamos por registar os conhecimentos prévios dos alunos, relativamente aos meios de comunicação usados no presente e no passado, dando início a uma exploração mais aprofundada da questão. Após a chuva de ideias, os alunos ouviram uma música “Postal dos Correios”, a fim de identificarem o meio de comunicação que nela era abordado, criando assim as condições necessárias para desenvolver um diálogo acerca do seu conteúdo (desde a abertura da música, à mensagem transmitida, aos sentimentos e ao seu fecho), a fim de interpretarmos a letra da música, remetida para o texto de uma carta. No decorrer desta atividade foi-nos possível explorar também os graus de parentesco falados na música.

A atividade referida anteriormente, permitiu assim uma abordagem à expressão musical, demonstrando-se adequada, pois permitiu uma primeira exploração da “carta” com recurso a uma estratégia diferente (música), muito bem aceite pela turma e que permitiu motivar a turma para as aprendizagens consequentes. Por outro lado, foi bem visível a atenção que a turma debruçou sobre a letra da música, talvez por incluir apenas um dos sentidos (audição), o que os “obriga” a tal, além de terem participado, adequadamente, e de forma notória, no diálogo estabelecido para interpretar a mesma.

Por fim, e dado que a turma enumerou os sentimentos referidos na música, a pares, dramatizaram-nos, desde carinho, amizade, carinho, entre outros, permitindo-nos assim um momento mais descontraído, animado e que permitiu à turma dar asas à imaginação, exprimindo os diferentes sentimentos, encenando diferentes momentos, permitindo assim um momento de expressão dramática.

Estas primeiras atividades permitiram-nos assim uma articulação e uma integração das diferentes áreas do saber desde o Português, à expressão musical e a expressão dramática, tal

como nos é imposto pelo Projeto Curricular Integrado, uma vez que se deve “Reforçar a integração curricular, oferecendo aos alunos um currículo coerente que, articulando conteúdos com processos, permita que as experiências educativas adquiram um sentido pessoal e social, tornando-as significativas para a sua formação integral.” (Alonso 2004, p. 15) e segundo Beane (2000, citado por Alonso, 2004, p.15) “Um currículo coerente é aquele que permanece uno, que faz sentido como um todo e cujas peças estão unidas e ligadas pelo sentido de totalidade” o que leva a criar “contextos significativos ou aprendizagens integradoras que articulem as experiências de aprendizagem escolares e extraescolares à luz de um projeto integrado” (Alonso, 2000d e 2001, citado por Alonso, 2004, p. 15)

Após esta primeira abordagem do meio de comunicação escolhido – a carta - passamos para uma exploração mais aprofundada. Inicialmente, demos oportunidade à turma de contactar, observar e analisar diferentes tipos de cartas (as formais e as informais), o que, após algum tempo a observar e a ler as cartas, os levou a concluir que são cartas muito diferentes no que diz respeito ao tipo de escrita. Neste seguimento, questionámo-los sobre o número de grupos que poderíamos formar com aquelas cartas, o qual concluíram rapidamente que se poderiam organizar em dois grupos, tendo um aluno exposto claramente a diferença entre os dois tipos de cartas. Contudo, necessitaram de uma pequena ajuda para chegar ao nome de cada tipo de carta, aproveitando assim o momento para introduzir um momento lúdico (o jogo da forca), atribuindo assim significado à aprendizagem, com recurso a um momento de “brincadeira”. Depois de descobrirem, mostramos um outro tipo de carta formal, diferente de todas as que tínhamos dado para observar, ou seja, uma carta de foral, no sentido de compreenderem o quão diferentes são das cartas de hoje em dia, desde a forma de tratamento ao tipo de linguagem e termos utilizados.

Com este primeiro momento da atividade conseguimos uma articulação do Português com a Matemática (ao classificarem e agruparem as cartas).

De seguida, exploramos mais pormenorizadamente uma carta informal, igual para todos, a fim de a interpretarmos e de compreendermos a sua estrutura e o/os assunto/os retratados. Desta forma, após compreenderem bem o objetivo das cartas, começaram a identificar as diferentes partes constituintes da estrutura da carta. Por fim, e depois de compreenderem bem a estrutura, circundaram, com diferentes cores, as diferentes partes da carta, escrevendo ainda o respetivo nome.

Compreendido todo o conteúdo envolto da estrutura das cartas, colocaram assim em

prática essas mesmas aprendizagens, ou seja, cada um retirou um papel com o nome de um colega da turma, sendo esse o seu amigo secreto, para o qual teria de escrever uma carta, partindo do princípio de que este tinha saído da escola, sendo que já não o via há algum tempo, além de terem de respeitar a sua estrutura, tal como aprenderam. Após todos concluírem a carta, colocaram-na dentro de um envelope, no qual escreveram as moradas (a do aluno e a da escola), nos respetivos locais, assim como o selo, que representava o imperador César Augusto (Bracara Augusta). No entanto, para um correto preenchimento do envelope, expusemos os elementos essenciais para que a carta possa chegar ao destino. Por fim, colocaram a carta no correio, o qual foi construído pela turma, com material reciclável, simulando o envio e receção da carta.

No dia seguinte, recolheram as cartas da caixa do correio, leram-nas em voz alta e tentaram adivinhar qual o seu amigo secreto. Esta foi uma atividade que suscitou muito interesse e entusiasmo, por ser diferente, por envolver um lado misterioso e também por lhes permitir uma simulação de todos os procedimentos que envolvem a redação e o envio de uma carta. Contudo, o facto de permitir-mos o contacto com o material real também foi certamente uma mais valia. No entanto, após esta atividade, é de salientar que a caixa do correio ficou exposta na sala, a fim de ser utilizada pelos alunos sempre que achassem pertinente. Desta forma, já no final da atividade, e já de saída para o “recreio”, ouvi duas meninas dizerem que iam escrever uma carta para colocarem no correio, o que de certa forma, mostra que esta foi uma atividade interessante e que foi ao encontro dos interesses do grupo e que poderá levar a uma continuidade por parte dos alunos.

Para além da carta, abordamos ainda o convite, ou seja, recolhemos os conhecimentos prévios acerca do mesmo, para de seguida analisar diferentes tipos de convites. Desta forma, dialogamos um pouco sobre o seu conteúdo, a sua importância e a importância de conter todas as informações, para que de seguida pudessem redigir um convite a fim de ser entregue aos pais, com a finalidade destes comparecerem na exposição que a turma iria realizar. O texto do convite foi realizado em grande grupo, e revisto no final, para que pudessem detetar alguma falha ortográfica.

No final, realizaram uma experiência, a de mergulhar folhas de papel em água quente com chá, a qual ficou de molho uma hora e de seguida retiraram-na e secaram-na, para que assim pudessem escrever o convite para os pais. Este papel foi ainda queimado por mim, a pedido dos alunos, por ser perigoso para eles.

Neste sentido, tentamos sempre que os alunos contactassem com materiais reais, remetendo as aprendizagens para a vida quotidiana, compreendendo ainda a relação das aprendizagens e a vida social dos alunos. Isto porque,

Las situaciones de aprendizaje ricas y abiertas al mundo requieren recursos de documentación, a veces humanos, diversificados y organizados. El docente combina el material didáctico con recursos utilizados en la vida cotidiana o provenientes de la cultura popular, de los medios de comunicación, o incluso de materiales publicitarios para provocar encuentros inéditos e inducir confrontaciones culturales. (Martinet, 2004, p. 87)

Na concretização das atividades referidas, assim como em todas as outras, foi nossa preocupação recorrer a estratégias, recursos e métodos que nos permitissem uma abordagem diversificada das aprendizagens a realizar pelo grupo. Desta forma, a motivação é algo que nunca se poderá dissociar da aprendizagem, pois é uma componente muito importante para que os alunos possam realizar aprendizagens significativas, e para depositarem vontade e gosto nas atividades propostas, ou seja,

El compromiso de los alumnos se refiere también al **estímulo de su motivación para aprender**. El docente suscita dicha motivación, en primer lugar construyendo con sus alumnos el sentido de situaciones propuestas. Si al principio la situación puede parecer poco significativa, ésta toma sentido cuando la analiza con sus alumnos, mostrando su potencial y desplegando sus riquezas, tanto en lo relativo a recursos que permite controlar como en lo relativo a elementos de referencia que permite compartir con los demás. Situando los elementos de la situación-problema en una red de conceptos en construcción, el docente facilita el establecimiento de vínculos entre la tarea a realizar y otras situaciones de la vida cotidiana en las cuales intervienen dichos conceptos. Además, comunica a los alumnos la convicción de que ellos pueden resolver el problema planteado. Reconoce los recursos de que disponen, recuerda los procesos análogos que ya han seguido, anima a la verbalización de modos de actuar que les resulten familiares y ricos en información para que los alumnos sientan que dominan la utilización de sus propios saberes. (Martinet, 2004, p.86)

Além do que já referi, é ainda de salientar que, como mediadora que sou no processo de ensino aprendizagem, foi minha constante preocupação guiar os alunos na seleção, interpretação e compreensão das informações disponíveis nos diversos recursos utilizadas, bem como na compreensão da tarefa a realizar, algo que se mostra de elevada importância para a eficácia ou ineficácia das atividades propostas, pois,

La abundancia de datos disponibles puede suponer un obstáculo para los procesos que emprenden los alumnos, haciéndoles perder de vista los objetivos de la tarea a realizar. El docente reformula con los alumnos los datos de un problema o las exigencias de un proyecto. Destaca los aspectos de la tarea que requieren investigación y utilización de información. Ayuda a los alumnos a despejar las características de los datos importantes y los lleva en concreto a basarse en la pertinencia de los signos respecto al objetivo y a la acción. (Le Boterf 1999: 164). Anima debates entre ellos sobre el origen y el valor de los datos y de las fuentes que consultan, cuestiona las opiniones no fundamentadas y abre la

vía a procesos de comprobación. Pide a sus alumnos que expliquen y justifiquen los datos que hayan consultado, seleccionado o descartado, a la vez que anima la diversidad de estrategias que ellos hayan adoptado. (Martinet, 2004, p.87)

Documento nº 13

Naquelas que foram as duas últimas semanas de estágio realizamos trabalhos mais práticos, ou seja, concretizamos três elementos que reuniam algumas aprendizagens já adquiridas. A maquete que remetia para Bracara Augusta e ao mesmo tempo para a cidade atual, o mosaico, com o tema do projeto, sendo este um dos elementos visualizados na visita e que representava o chão das casas dos romanos e por fim as placas em numeração romana para identificar a turma na exposição, e as quais, antigamente, serviam para identificar nomes de locais, mensagens em igrejas, em letra romana, logo foram usadas para identificar a turma na exposição.

Assim, decorrer de algumas semanas, tanto nós, professoras estagiárias, como os alunos, recolhemos materiais recicláveis, desde pacotes de cereais, leite e café, rolos de papel, entre outros, para poderem realizar os materiais. Reunidos todos os materiais necessários, dividimos a turma em grupos e distribuímos tarefas, uns realizaram o mosaico, outros as placas e outros diferentes partes da maquete, desde o chafariz, as termas, as muralhas da cidade e as pessoas que faziam exercício nas termas.

Esta foi uma atividade muito bem conseguida, dado o grande envolvimento dos alunos para realizar os materiais, assim como a grande ajuda que verifiquei. Desta forma, considero que atividades ligadas à expressão plástica, mais concretamente às construções, são muito bem aceites pelo grupo, que se disponibiliza para toda e qualquer tarefa. Prova do que referi foi o facto de nos terem pedido para ficarmos com eles no intervalo, e assim pudermos trabalhar um pouco mais.

Para além destes trabalhos, terminamos ainda o Friso Cronológico, elaborada pelas três turmas. Esta atividade teve como objetivos compilar os projetos realizados pelas três turmas, reunindo diferentes aprendizagens concretizadas no âmbito do tema abordado por cada uma, e fomentar a partilha interturma. Este é composto por todos os acontecimentos/datas, mais relevantes, dos projetos desenvolvidos.

O Friso foi um elemento que marcou o centro da exposição, dada à sua grande dimensão e originalidade, criando um impacto positivo na comunidade educativa.

Para esta atividade foram utilizados vários materiais, como o papel de cenário, pacotes de leite, tintas e fotografias. Por fim, referimos, ainda, esta foi uma atividade realizada em diferentes sessões, complementada pela partilha das aprendizagens realizadas e da qual os alunos gostaram, por terem oportunidade de trabalhar com colegas de outras turmas e por poderem aprender mais ainda uns com os outros.

Finalmente, e após todos os trabalhos concretizados, chegou o dia da Exposição que teve como objetivo divulgar os projetos desenvolvidos pelas turmas à comunidade educativa, no sentido de dar a conhecer todas as aprendizagens realizadas. Foi visível a adesão positiva dos pais e familiares, que demonstraram um interesse em conhecer os projetos realizados, neste sentido, criou um impacto positivo devido aos diferentes feedbacks obtidos por parte dos diferentes visitantes da exposição, que louvaram o tipo de trabalho realizado por nós juntamente com as crianças:

Diretor do Agrupamento Francisco Sanches: “É muito importante realizar trabalhos com os alunos que lhes permitam conhecer a sua identidade cultural e local.”

Representante da Junta de Freguesia de S. Vicente: “É de louvar este tipo de iniciativas que mostram o trabalho dos alunos, assim como a boa preparação das professoras estagiárias.”

Pai e Representante da Associação de Pais da Escola Quinta da Veiga: “Parabéns, gostei muito da exposição, que representa todo o empenho, dedicação e esforço árduo.”

Aluno1: “Estes trabalhos são espantosos”

Aluno2: “Gostei muito da exposição, consegui aprender coisas novas que foram feitas pelos meus colegas.”

Pai: Obrigado pelo trabalho que realizaram com o meu filho, pois realmente o interesse é todo nosso, e para proveito dos nossos filho. É realmente notável os trabalhos que realizaram com eles.”

Professora: “O trabalho está excelente. Parabéns. É sempre bom ver a escola recheada de trabalhos tão bons.”

Esta exposição foi colmatada com um momento de partilha final, onde as três turmas expuseram as diferentes aprendizagens realizadas. Nesta foi possível ter a presença de outras turmas que também participaram na partilha, ao colocar diferentes questões sobre o projeto e permitindo um momento mais dinâmico. Desta forma, os alunos aprenderam uns com os outros, quer por partilha oral como visual, pelos trabalhos expostos.

Para colmatar esta pequena caminhada ao lado de quem mais me ensinou, termino referindo que retiro de mais uma experiência o melhor que esta me ofereceu, ou seja, tudo aquilo que pude aprender e melhorar, tornando-me numa profissional mais reflexiva e crítica, no que respeita a todo e qualquer obstáculo/problema, assumindo-me mais autónoma e dinâmica na sua resolução do mesmo. Hoje posso afirmar que junto daqueles que me acompanharam fui capaz de crescer e olhando para trás, consigo compreender o quão importante são estes momentos de prática que nos dão espaço para poder experimentar as mais diversas situações com as quais me irei defrontar, no decorrer da minha vida como professora do 1º ciclo.

Além do que referi, sem dúvida que a oportunidade de poder concretizar um Projeto Curricular Integrado foi uma das grandes vitórias e aprendizagens, pois sei o quão este pode ser benéfico para os alunos e para a construção das suas aprendizagens significativas, além de ter aprendido mais e melhor como pôr em prática um PCI. Este também se mostrou importante, por me colocar frente a frente com muitas situações que esperam uma rápida resolução.

Desta forma, findo esta caminhada com uma citação que resume um pouco da importância das aprendizagens realizadas pelos alunos, a partir de métodos ativos, tal como o PCI. Assim,

En cualquier caso, los *métodos activos* (en los que el discente es protagonista) son imprescindibles para transmitir la competencia de acción profesional puesto que es mediante la acción como se aprende a actuar. En este sentido son múltiples las posibilidades de multivariedad metodológica, con todo creemos imprescindible articular la formación a partir del aprendizaje basado en problemas, el estudio de casos y el aprendizaje mediante proyectos por cuanto permiten, además, una orientación interdisciplinar (incluso transdisciplinar), al necesitar los alumnos recurrir en su desarrollo a más de un área de conocimiento para garantizar el éxito en la tarea. Además, una enseñanza de este tipo permite superar la separación entre teoría y práctica, ya que son los problemas prácticos los que guían a los alumnos en la elección de teorías relevantes. (Tejada – Fernández, 2012, p.34 - 35)